Washington José de Souza Filho

O Brasil do Horário Nobre:
A construção da notícia nacional e os critérios de noticiabilidade em cinco telejornais brasileiros

Salvador

Índice

Introdução **5**

1 Jornalismo e notícia: a confluência de duas histórias **14**
1.1 Notícia: percurso em torno de uma definição 16
1.1.1 As vertentes do desenvolvimento 19
1.1.2 O jornalismo no Brasil 26
1.2 Notícia: os marcos de uma referência 32
1.2.1 As pistas para uma definição 35
1.3 Noticiabilidade: os elementos da notícia 42
1.3.1 Notícia e Noticiabilidade na Televisão 49

2 A informação na televisão **59**
2.1 O jornalismo na televisão brasileira 66
2.1.1 As transformações da tecnologia 70
2.1.2 A importância do horário nobre 77
2.2 Os programas de informação no Brasil: uma síntese . . 84
2.2.1 *O Repórter Esso*: a lembrança de um mito . . . 85
2.2.2 A trajetória do Jornal de Vanguarda 88
2.2.3 *Jornal Nacional*: um marco da televisão brasileira 91
2.2.4 Hora da Notícia: o martírio de Herzog 98
2.2.5 *TJ Brasil*, sucesso no estúdio 103

3 Notícia nacional: sobre a busca de um conceito **108**
3.1 Análise: a função da metodologia 116
3.1.1 O *corpus* da pesquisa 121
3.2 Análise: a apresentação dos resultados 126
3.2.1 A notícia em relação à origem 130
3.2.2 A referência ao assunto 138
3.2.3 A forma da notícia 145
3.2.4 O tempo dos telejornais 156

Conclusões **160**

Referências bibliográficas **169**

Glossário **186**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Cultura Contemporâneas,
Faculdade de Comunicação,
Universidade Federal da Bahia,
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios

Resumo

Esta dissertação é uma pesquisa exploratória, que buscou identificar e compreender a representação do Brasil como nação em cinco programas de informação jornalística, exibidos por emissoras de televisão brasileiras, no horário nobre. A referência inicial é a implantação de um modelo, baseado na centralização da produção e exibição, com a constituição de um sistema de transmissão dos sinais de áudio e vídeo, realizado durante o regime militar, no final dos anos 60. O marco deste modelo foi a estréia do *Jornal Nacional*, em exibição desde 1º. de setembro de 1969. A atuação das emissoras de televisão em rede gerou um conceito específico de notícia, denominado como nacional, que corresponde aos telejornais relacionados a este modelo de transmissão. A compreensão da representação sobre o País está relacionada ao entendimento sobre o conceito de notícia nacional, a partir da elaboração de uma tipologia que define os critérios de noticiabilidade aplicados para a realização dos programas. A pesquisa identifica a existência de uma representação de Brasil, no qual predomina um País em que a ordem de importância dos fatos está relacionada à localização deles, de acordo com a proximidade aos centros de poder político e econômico.

Palavras-chave: Jornalismo na televisão brasileira; Telejornais de rede; Notícia nacional; Critérios de noticiabilidade na televisão.

Introdução

A realização deste trabalho representa a confluência de meus interesses, profissionais e acadêmicos, manifestado em diferentes circunstâncias, em relação ao tema desenvolvido: a representação do Brasil, através dos programas de informação, transmitidos por emissoras da televisão brasileira, no horário nobre da programação. A distinção está relacionada à forma como o assunto apareceu, em distintas fases da minha vida como profissional de jornalismo, com atuação em empresas de comunicação, e professor universitário.

A busca da compreensão sobre o tema é uma preocupação, que se manifestou, inicialmente, no meu trabalho como jornalista, em diferentes funções, de repórter a diretor de jornalismo, em emissoras de televisão, jornais e revistas. Esta questão sempre aparecia durante a mesma situação, em diferentes contextos, a saber: a responsabilidade de estabelecer o que representava para as redações, no Rio de Janeiro ou São Paulo, a importância dos temas fora desta localização. Era preciso saber o que propor como pautas, assuntos para a elaboração de reportagens, que tivessem uma dimensão estabelecida como nacional para ser notícia.

A mesma dúvida, sempre esteve presente nas redações, a partir do apresentado. A sensação é que eram utilizados critérios vagos, estratégias expressas em opções, como a publicação da mesma edição de uma revista com capas diferentes – uma para cada região do Brasil, subdividido em duas partes, com o Rio de Janeiro e São Paulo como referências. Em cada uma delas, a representação do que seria o interesse do leitor, a partir de um marco referencial do país: uma divisão entre pontos extremos (norte e sul) em torno do reconhecimento de um eixo predominante, materializado pela informação.

O encaminhamento por este enfoque contagia de tal forma as redações, que a visão dos jornalistas sobre os assuntos com esta grandeza tem uma perspectiva determinada pela convicção de quem é o responsável pela decisão: o reconhecimento do *gatekeeper*. Nas emissoras de televisão, o reflexo deste condicionamento é maior. A influência da estrutura, determinada pela relação entre as emissoras, distinguidas pela concepção de rede, gera um peso maior, devido à importância adquirida pela informação neste meio de comunicação. Uma manifestação re-

gional não tem interesse como fato, a não ser pelo que representa como imagem, em termos da possibilidade de exploração das características do veículo.

O interesse em compreender este fenômeno ampliou a minha atenção sobre o tema, e como professor do curso de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, manifestou-se mais uma das vertentes sobre as motivações relacionadas ao assunto. O trabalho como professor representa um percurso, que transforma o estudo, apresentado aqui, em eco de outras tentativas (Souza, 1995a; 1995b).

A questão central deste trabalho merece a indicação de um conceito, referenciado por Vizeu (2000:72) da seguinte forma:

> A produção de programas de informação que alcança, todo o Brasil determinou o desenvolvimento de um processo de seleção de fatos baseado na amplitude da audiência. Isso resultou na constituição de um conceito específico para a apreensão dos acontecimentos que tivessem esta natureza: a expressão da notícia nacional.

O jornalismo faz parte da televisão no Brasil desde a implantação do meio de comunicação no país, em 1950, por iniciativa do empresário Assis Chateubriand, com a inauguração da PRF-3 Difusora, em São Paulo (Sampaio, 1971:23). Os telejornais se transformaram na principal fonte de informação, por meio da televisão, a partir da constituição de um modelo específico de programa, o *Jornal Nacional*, produzido e exibido pela *Rede Globo*, desde 1º. de setembro de 1969, que em 2009 completou 40 anos. O lançamento do telejornal alterou a forma de veiculação de informação no Brasil, além de estabelecer uma nova maneira de organizar a programação da televisão, com a valorização da faixa estabelecida como nobre, definida entre as 19h e 22h (Mídia Dados, 2007:166), identificada como a de maior predominância de público.

A produção de telejornais como o *Jornal Nacional* é uma decorrência da implantação no Brasil de um sistema de telecomunicações, que permitiu a exibição da programação através das redes de emissoras. A partir de um único ponto do país, a região sudeste, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, fazem a transmissão para todo o território na-

cional. A produção está caracterizada por dois aspectos: centralização e padronização.

O sistema é decorrente da instalação de uma estrutura, através da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), constituída pelo Governo Federal, que passou a realizar a transmissão de sinais de áudio e vídeo, além de dados, no fim da década de 60 do século passado. Foi uma ação estabelecida através da estratégia de integração nacional do território brasileiro, desenvolvida pela Escola Superior de Guerra, no âmbito das propostas do regime militar, implantado no país, depois do Golpe de 64 (Mattos, 1990:6).

A transmissão para todo o Brasil, por meio do sinal aberto, é feita através de oito redes de televisão – duas delas regionais – que são as responsáveis pela distribuição da programação para suas afiliadas. Tais redes atingem todo o território nacional, que tem 98,7% da área geográfica coberta pela Rede Globo, a com maior cobertura. Essa estrutura permitiu às emissoras constituírem um mercado nacional (Mídia Dados, 2007, pp. 164 -165), o que favoreceu a implantação da configuração estrutural dos dias de hoje, inclusive no aspecto econômico, observado por Ortiz (1989), com base nas ações dos governos do regime militar, implantado em 1964.

Esta dissertação estabelece uma proposta para o estudo dos critérios de noticiabilidade vigentes na produção dos telejornais brasileiros, transmitidos para todo o país, com o objetivo de identificar e problematizar o objeto que estamos, provisoriamente, denominando como notícia nacional. A finalidade é contribuir para um melhor entendimento do que é compreendido como notícia nacional, e dos fatores que intervêm nessa construção, diante da importância dos telejornais na veiculação da informação no Brasil. Um estudo deste tipo pode contribuir, entendemos ademais, para tornar mais delineada e explícita a imagem de nação e de nacional relacionadas às práticas jornalísticas que serão analisadas.

A finalidade desta pesquisa é constituir uma tipologia do que é considerada notícia nacional, através de uma análise das informações divulgadas pelos telejornais das emissoras que fazem parte das cinco redes brasileiras de televisão. A pesquisa está baseada no reconhecimento da existência de critérios práticos, adotados nas redações, onde são produzidos os programas referidos, bem como nos poucos estudos sistemáticos sobre os critérios adotados para a seleção de notícias. Este

trabalho representa a oportunidade para investigar os critérios de noticiabilidade em uso e os modos de construção do produto jornalístico que é designado com a classificação genérica de *notícia nacional* ou *informação de interesse nacional*. O jornalismo na televisão, no país e no mundo, é a principal fonte de informação, justificando sobejamente a busca de parâmetros que, em última instância, constroem a representação do Brasil, através dos telejornais.

Um ponto de partida para o desenvolvimento desta proposta de pesquisa é a elaboração apresentada por Traquina (1988:32) que estabelece, com base na investigação desenvolvida por Tuchman (1983), a existência de um processo realizado pelos meios de comunicação para a obtenção de informação em locais possíveis da ocorrência de fatos noticiáveis. Uma estratégia reconhecida como uma espécie de rede informativa.

Um quadro, tal como o descrito por Bresser (1995), é verificado em relação aos programas de informação das redes brasileiras, exibidos no horário nobre, e que têm características semelhantes às observadas por Traquina (1988:38) em relação a Portugal, com base na concentração das empresas de comunicação em Lisboa, a capital do país.

As especificidades do modelo consolidado pelo *Jornal Nacional* para a veiculação de informações apresentadas como nacionais, integradas a um conteúdo, através do qual se pretende registrar os principais acontecimentos do país e do mundo, ainda é um tema pouco compreendido, no que diz respeito a uma análise sistemática e acadêmica dos mecanismos da construção da notícia e dos critérios de noticiabilidade em uso no dia-a-dia das redações.

O que justifica a realização desta pesquisa é a busca da compreensão sobre a forma que este processo é realizado na produção dos telejornais brasileiros, que são transmitidos para todo o país. A importância conquistada pela televisão não foi suficientemente acompanhada em termos de reflexão acadêmica, na realização de estudos para o conhecimento deste aspecto da produção de informação.

Os telejornais, exibidos na faixa do horário nobre da programação, entre 19h e 22h, repetem um padrão mundial, que é a apresentação de um resumo dos principais fatos, que têm a definição de "grandes missas da noite", apontada por Ramonet (1999:77). O surgimento desses padrões está relacionado ao desenvolvimento da televisão nos Estados

Unidos, a partir de 1948, com a implantação dos programas com as características dos atuais, de exibição regular e com tempo determinado, além do conteúdo relacionado aos principais acontecimentos (Squirra, 1993:42).

No Brasil, a valorização deste modelo ampliou uma distorção, com o estabelecimento de um processo de seleção e exibição de notícias à semelhança dos países mais ricos do mundo, que desconhecem os acontecimentos nas regiões consideradas de menor importância, da forma descrita por Hester (1980) e Traquina (1988).

A busca de uma referência para um conceito específico, que contribua para a compreensão de um processo, através do qual a maior parte da sociedade brasileira é informada, servirá para um maior aprofundamento sobre a importância dos telejornais nacionais, quase 40 anos depois da implantação do modelo. A compreensão sobre a representação da notícia nacional, nos telejornais das redes emissoras brasileiras, é um passo importante, uma contribuição para a definição de um aspecto do jornalismo na televisão.

A importância da pesquisa é ampliada pela dimensão do Brasil, um país caracterizado por diversidades regionais, identificadas através de questões sociais e econômicas, que são ressaltadas pela importância da televisão como meio de comunicação. Os telejornais, por conta deste quadro, são transformados em elementos de unidade, em torno de uma ideia de nação,

O *corpus* para a realização da pesquisa está constituído por 60 edições dos programas de informação exibidos pelas cinco redes de televisão brasileiras (Pública, SBT, Rede Record, Rede Bandeirantes e Rede Globo), que transmitem o sinal, por canal aberto, assistidos em Salvador, exibidos na faixa nobre da programação, entre 19h e 22h, através das seguintes emissoras, respectivamente: *TV Educativa, TV Aratu, TV Itapoan, TV Bandeirantes* e *TV Bahia*. As gravações foram feitas durante o período de 21 de maio a 2 de junho de 2007.

O telejornal da *TV Cultura*, integrante da Rede Pública, ainda que tenha o início às 22h, no horário que marca o fim da faixa que é considerada a de maior audiência da televisão brasileira, foi incluído por representar uma perspectiva diferenciada, a de uma emissora pública, vinculada ao Governo de São Paulo, através da Fundação Padre Anchieta.

A noção de programa de informação que se pretende analisar é a definida por Torán (1982:10), como "os programas que se referem àqueles cujos conteúdos estão baseados na atividade jornalística, que os ingleses englobam sob a denominação *factual news*".

Os cinco programas selecionados fazem parte de um universo relacionado às oito redes de televisão, duas delas regionais – *CNT* e *Gazeta* –, que transmitem em todo o país, através de 414 emissoras (Mídia Dados, 2007). São 20 programas, entre os que podem ser classificados como nacionais, porque são veiculados para todo o território nacional, exibidos a partir de 6h25m, de segunda a domingo.

As edições dos programas foram gravadas no período de duas semanas, entre 21 de maio e 2 de junho, escolhidas de forma aleatória, com a preocupação de que não estivessem marcados por eventos específicos, cuja realização pudesse influenciar o conteúdo dos telejornais. Um exemplo deste tipo de evento foram os Jogos Pan-Americanos, realizados no mês de julho, no Rio de Janeiro, em 2007. O procedimento, em relação à definição do período, é o adotado por Rezende (2000) para a realização de um estudo sobre o padrão editorial de três telejornais, exibidos por emissoras brasileiras, com a amostragem de uma semana.

As gravações serviram de base para a realização da pesquisa. Permitiram analisar a representação feita do Brasil, através dos telejornais, com a identificação dos aspectos referentes ao conteúdo dos programas. A definição da origem é a busca principal, a partir da hipótese de que a escolha e a seleção das notícias estão condicionadas por um processo, desenvolvido nas redações dos telejornais, que privilegia a procedência da informação, com a valorização de algumas regiões em detrimento de outras. Uma valorização que tem a influência de critérios extrajornalísticos, como política, economia e influência social.

A problematização do que é a notícia nacional foi feita com o apoio da análise de conteúdo, a partir da definição de Fonseca (2005:302) que considera esta metodologia "a mais adequada para produtos de comunicação como filmes, entrevistas jornalísticas, programas radiofônicos e anúncios publicitários". O que permite o reconhecimento deste procedimento como adequado para a realização da investigação proposta nesta pesquisa.

A apresentação dos objetivos define as metas, que vão orientar a busca dos resultados para a realização desta pesquisa. No contexto da

elaboração deste estudo, elas representam a especificação da proposta (a construção de uma tipologia para a definição do que é notícia nacional), além dos critérios de noticiabilidade adotados para a produção de um produto jornalístico estabelecido a partir da estreia do *Jornal Nacional*.

A ideia principal, em termos de objetivos, tem como específicos os aspectos relacionados abaixo:

1. Compreender o processo de seleção e produção do conteúdo dos telejornais estudados, através da análise das rotinas de trabalho nas redações de cada um deles;

2. Analisar a rotina produtiva para a seleção das notícias que compõem o conteúdo de cada um dos telejornais reconhecidos como de abrangência nacional, com base na procedência da informação;

3. Identificar a relação entre a região da qual a informação é proveniente e o formato utilizado para a divulgação das notícias pelos telejornais, com base na procedência da informação e a referência à audiência das emissoras, que fazem a exibição dos programas.

O conjunto de objetivos foi estabelecido a partir das hipóteses relacionadas a seguir:

Principal: a construção do nacional nos telejornais exibidos pelas emissoras brasileiras é caracterizada por modos particulares de operacionalização de categorias como notícia e noticiabilidade, que em última análise não produzem uma representação do país compatível com a sua dimensão e diversidade.

Secundárias:

A) A representação estabelecida pelos telejornais, apesar da abrangência, em relação ao território nacional, não corresponde à dimensão que a televisão atinge no país e faz uma representação do Brasil diferente da sua diversidade, porque privilegia regiões específicas, com o estabelecimento de uma produção a partir de critérios extrajornalísticos, em busca da valorização definida pela audiência, de acordo com o público onde os índices têm maior compensação econômica.

B) O critério para a divulgação das notícias pelos telejornais está relacionado a uma distinção, pela qual os assuntos das regiões que têm menor destaque no aspecto econômico e político são incluídos como conteúdo apenas para a busca de uma referência que pareça nacional pela citação dos pontos menos destacados.

A partir desta introdução, a pesquisa está estruturada em três capítulos, relacionados às três questões que servem de base para a realização deste estudo, mais a conclusão e apêndice.

A primeira, diz respeito às principais transformações do jornalismo, ocorridas a partir do momento definido como o do surgimento da imprensa. Destacam-se as mudanças relacionadas à tecnologia e às contribuições permitidas pelo surgimento de novos equipamentos, que garantiram uma configuração como a atualmente vigente, que tem a tiragem e a venda como metas. Em torno desta questão, consideramos a consequência das transformações em relação ao que é notícia, a forma e as condições que a definem e os estudos desenvolvidos.

A segunda se estabelece em torno da função da informação na televisão, com referência à inserção do jornalismo neste meio de comunicação, ocorrida no Brasil desde sua inauguração.

Por fim, a terceira questão, relaciona-se à definição de uma tipologia do que é a notícia que compõe o conteúdo dos telejornais que são exibidos no horário nobre, uma parcela da estratégia da programação das emissoras, destacado pela audiência alcançada.

A partir das questões relacionadas, apresentamos um resumo dos capítulos que seguem, para uma melhor compreensão deste trabalho.

O Capítulo 1 problematiza a compreensão do que é notícia, através de estudos e modelos adotados para o desenvolvimento de investigações, além da consequente relação com o tema da noticiabilidade, inclusive com a referenciação ao jornalismo na televisão.

O Capítulo 2 relaciona o jornalismo à televisão, com destaque para a vinculação ao processo desenvolvido no Brasil. A discussão é conduzida com destaque para dois aspectos que marcam a importância e predominância adquirida por este meio de comunicação no país, a partir da adoção do processo de transmissão em rede, que são: 1) a influência do desenvolvimento tecnológico; e 2) o papel desempenhado na progra-

mação das emissoras, em particular em relação aos programas que são os elementos desta pesquisa.

Este capítulo também apresenta um panorama sobre o desenvolvimento dos telejornais no Brasil. Uma síntese em torno dos programas mais destacados, desde a implantação do jornalismo na televisão brasileira, uma vinculação estabelecida, praticamente, a partir da inauguração, em 1950.

A apresentação do objeto de estudo desta pesquisa encontra-se no Capítulo 3, a partir de uma referência sobre o que é compreendido como notícia nacional, com base nos estudos desenvolvidos sobre o jornalismo na televisão. Neste capítulo, encontram-se explicitações da metodologia utilizada para a análise do material coletado, que tem como referência a teoria construcionista em relação aos estudos sobre notícias e a utiliza como técnica para a análise de conteúdo, a partir da concepção de Casetti e Di Chio (1999). A compreensão essencial é que o jornalismo, apesar de submetido a diversos condicionamentos, impostos pela natureza da atuação das empresas e determinados pelas regras de funcionamento do campo, permite um espaço de negociação desenvolvido pelos jornalistas. É uma condição que determina a preferência por algumas notícias, em detrimento de outras.

A partir da amostra coletada foi desenvolvida a análise, em torno dos objetivos relacionados à pesquisa. Em função de uma maior praticidade e como uma consequência do volume acumulado, as fichas dos telejornais foram transformadas em arquivos de dados, incluídas neste trabalho da seguinte forma como duas planilhas Excel, utilizadas para a realização da análise, parte do conjunto do trabalho, incluídas um CD-ROM com as 60 fichas no formato Word, em anexo, – para uma melhor visualização.

1 Jornalismo e notícia: a confluência de duas histórias

A notícia, reconhecida como o elemento essencial do jornalismo, tem o seu desenvolvimento relacionado ao estabelecimento de um padrão, que consolidou o processo de veiculação de informação como um bem imprescindível do cotidiano dos indivíduos e da sociedade. Por meio da função que desempenha, é permitido conhecer os fatos que têm interferência na vida do cidadão, assim como as repercussões de atos e decisões vinculadas às organizações - no limite do horizonte de cada um, ou na amplitude do universo, restringido pelo conhecimento.

As ideias de Traquina (2005a; 2005b), sobre o desenvolvimento do jornalismo, são a base que utilizaremos, neste capítulo, para a compreensão do que é notícia, em uma trajetória dividida em duas partes. A primeira, a partir de uma bibliografia específica, servirá para demonstrar como ocorreu a confluência entre notícia e jornalismo, em função das transformações ocorridas. A segunda, relacionada à exploração dos conceitos, buscará a constituição de um referencial, a partir dos modelos e concepções desenvolvidos sobre o que é notícia. Em relação à natureza do estudo, será incluída uma complementação para a definição da representação da noticiabilidade, como um critério, para a seleção de notícias, e a sua aplicação no jornalismo na televisão.

A referência à notícia existe antes mesmo da consolidação do jornalismo. Ela está vinculada ao estabelecimento de um processo, de seleção, elaboração e veiculação da informação. Uma transformação que tem a interferência das transformações tecnológicas e das condições geradas pelo sistema econômico. Para haver esta compreensão existe a necessidade de promover tal entendimento, como considera Traquina (2005a; 2005b). Este autor aponta três vertentes para demonstrar o processo pelo qual o jornalismo alcançou o patamar em que está instalado.

Para Traquina (2005a: 33), três fatores determinaram modificações do jornalismo, em relação ao desenvolvimento de um padrão, que tem o século XIX como marco:

1. A expansão, gerada pelo desenvolvimento da tecnologia, que favoreceu as condições para a elaboração e publicação de jornais, associada às novas condições sociais. A conjunção desses ele-

mentos permitiu a elevação de tiragens e uma maior circulação dos jornais. A natureza do jornalismo é ampliada, com o surgimento de outros meios de comunicação e, na conjuntura atual, ganha, na definição do autor, "novas fronteiras";

2. A valorização do processo de comercialização, em função da transformação do paradigma, em relação à notícia, que se transforma em um produto, diferente da característica doutrinária que marcou o jornalismo, até os anos 30 do século XIX;

3. Uma consequente dicotomia, gerada pela valorização da informação como pressuposto, em detrimento do interesse pela opinião. O jornalismo fica dividido em dois polos: o econômico e o intelectual, demarcado pelo surgimento de uma categoria profissional especializada, os jornalistas.

A notícia é reconhecida como anterior ao jornalismo, como frisa Jorge (2007:48). Em função deste objetivo, iniciamos o caminho em torno da primeira parte, em busca desta compreensão sobre o que é notícia e do contexto em que ocorreu o desenvolvimento do jornalismo.

Em um estudo sobre o processo de mutação da notícia, Jorge (2007) indica quatro pontos como principais no processo de evolução da informação, em relação aos últimos cinco séculos: "A invenção da escrita; a invenção do alfabeto; a invenção dos tipos móveis; e o advento da Internet". A autora aponta os livros de notícia ingleses, surgidos no século XV e publicados próximo ao período em que Johannes Gutenberg desenvolvia a criação dos tipos móveis, como os primeiros exemplos do que é considerado *jornalismo*.

A criação dos tipos móveis, por Gutenberg, é considerada (Castagni, 1987:88) como um instante de transformação da civilização. Para a autora, a adoção dos tipos móveis representou uma mudança no processo de produção de livros, que é equivalente ao surgimento da escrita.

A noção de jornalismo, como uma atividade periódica, porém, se consolida quase um século e meio depois (Jorge, 2007:52), em torno de 1609, através de publicações na Alemanha e na França. Os inúmeros estudos, entre os que tratam do desenvolvimento do jornalismo e da notícia, têm diversas considerações que relacionam, muitas vezes sem demonstrar a vinculação, a evolução tecnológica e a transformação

do jornalismo em uma atividade voltada para o lucro. A intenção é demonstrar, com o apoio de autores como Marcondes (2000) e Marshall (2003), a existência de um processo que condiciona o jornalismo e tem repercussões sobre o que é notícia.

Para Marcondes (2000), a compreensão sobre o desenvolvimento do jornalismo está relacionada ao entendimento da existência de cinco períodos, demarcados por transformações tecnológicas de significativa importância para a expansão da imprensa. Marcondes (2000; 10) considera que o jornalismo "reflete de forma bastante próxima à própria aventura da modernidade", e o aponta como "filho legítimo da Revolução Francesa". Ele situa a trajetória do jornalismo em um processo de transformação, em relação à forma e interesse, a uma quebra do poder que o controle da informação representava. A classificação proposta por Marcondes (2000) está separada em cinco fases, com a atual encerrada nos anos 70 do Século XX. As fases são apresentadas como pré-história, primeiro, segundo, terceiro e quarto jornalismo.

Outra abordagem é a elaborada por Marshall (2003). O autor traça um paralelo, relacionando o desenvolvimento do jornalismo à consolidação da publicidade, como essencial para o financiamento daquele. Marshall (2003) relaciona a história do jornalismo a quatro fases, que apresenta como comercial, opinião, publicidade e industrial – esta destacada pela ampliada influência da propaganda, com a utilização dos recursos de marketing.

A compreensão dessas questões permite um melhor entendimento sobre as transformações ocorridas em relação ao jornalismo e sua influência no entendimento do que é notícia. A referência aos registros sobre o desenvolvimento do jornalismo, ajuda na definição dos possíveis aspectos da notícia.

1.1 Notícia: percurso em torno de uma definição

O que é notícia, mesmo sem que possa ter merecido uma definição conclusiva, aparece antes da consolidação dos jornais, como um meio específico para a divulgação de informação, conforme é tratado por diversos autores. Jorge (2007), por exemplo, considera o surgimento do primeiro relato noticioso na China, em 202 a.C., com os *tipao*, relatórios distribuídos entre os oficiais chineses da dinastia Hun.

A autora inclui as chamadas *Actas Diurnas*, publicadas pelo Senado de Roma, em 59 a.C., sob o império de Júlio César, como um dos exemplos pioneiros de uma forma de divulgação de notícia, da mesma maneira que os relatórios militares feitos na China. Para Pena (2005), a ideia de notícia está relacionada às gazetas, que eram veiculadas na cidade italiana de Veneza, um importante entreposto comercial da Europa, no século XVI. O termo – gazeta – é uma referência à moeda local à época e ao preço – custava uma *gazzette*. Da mesma forma que os exemplos referidos antes, são considerados uma demonstração do que viria a ser o jornalismo, por apresentar uma das características que define uma publicação, que é a regularidade da circulação. As características do jornal moderno (Medina, 1978:27) são quatro: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão. Traquina (2005a: 63) promove uma comparação sobre o conceito, em três fases distintas, no espaço de quatro séculos. O autor relacionou períodos diferentes, entre as primeiras décadas do século XVI, os anos 30-40 do século XIX e uma fase, entre 1967 e 1970 do século XX, para demonstrar que não existe uma maior diferença entre os princípios aplicados para a definição do que é notícia, mesmo com um espaço tão distante de tempo, se consideradas as épocas relacionadas.

O autor recorre a um conceito do historiador Mitchel Stephens, através do qual o que é notícia está vinculado a elementos que são definidos como qualidades duradouras (Traquina, 2005a: 63). Segundo ele, são "o extraordinário, o insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte".

A comparação entre os três momentos demonstra a pertinência da observação, a partir do primeiro, entre os escolhidos para a comparação. Traquina (2005a, p. 64) usa como referência o ano de 1616, quando morreu o dramaturgo inglês William Shakespeare, para relatar que a folha volante era "uma forma pré-moderna do jornal" – semelhante às gazetas publicadas em Veneza. No ano referido, foram publicadas um total de 25 folhas volantes, e um terço delas foi dedicado a um tipo de acontecimento, os assassinatos. O pesquisador admite um grande interesse pelo tema da violência e mortes.

Em relação ao segundo período da comparação (os anos 30 e 40 do século XIX), Traquina (2005a) relembra como o momento de consolidação da *penny* press foi importante para o jornalismo ocidental. Ele

aponta a modificação promovida pelo *New York Sun* como um fator determinante para a definição de uma nova concepção, com o conteúdo dos jornais mais voltados para a informação, separada dos comentários.

A referência do terceiro momento é o estudo realizado pelo norte-americano Herbert Gans, entre 1967 e 1970, com uma análise de conteúdo de telejornais de três redes de televisão (*CBS, ABC* e *NBC*) e duas revistas de informação (*Newsweek* e *Time*) dos Estados Unidos. Para Traquina (2005a, p. 68) a pesquisa demonstra a valorização da notoriedade dos envolvidos nos acontecimentos, o que determina a participação até o limite de 85% dos assuntos nacionais de pessoas conhecidas, como o presidente norte-americano, figuras de importância para o país e pessoas proeminentes, envolvidas em escândalos.

Para Neveu (2006:115) as constatações representam, como Traquina (2005a) observou em relação a Stephens, o estabelecimento de "um jogo com a presença de seis valores duradouros da informação", com dois sentidos: um sobre regras sociais, que devem ser respeitadas; e outro sobre instrumentos para a apresentação e avaliação da notícia. De acordo com Neveu (2006), os elementos do jogo são o etnocentrismo, a democracia altruísta, o capitalismo responsável, o aconchego da pequena cidade, o individualismo e a moderação.

Estes elementos são referências sobre o modo de vida norte-americano, mas determinaram uma influência sobre o jornalismo dos países que tiveram os Estados Unidos como modelo, um fato que é reconhecido, por exemplo, em relação ao Brasil, verificado em estudos, como o de Silva (1991). Para o citado autor uma possível causa da vinculação é a ligação estabelecida através de viagens para os Estados Unidos de jornalistas brasileiros, inclusive de Hipólito José da Costa, o fundador do *Correio Braziliense*, considerado o primeiro jornal do país.

Esta influência norte-americana foi questionada, na década de 70 do século XX, pelo surgimento do movimento denominado Uma Nova Ordem da Informação Internacional, que baseado em um relatório das Organizações das Nações Unidas (ONU) denunciava o desequilíbrio da circulação da informação. Hester (1980:90) demonstrou que a veiculação de notícia dos países menos desenvolvidos é tratada com base em "estereótipos e preconceitos".

A limitação em compreender o que é notícia, ainda que através de uma remissão como a verificada, permite perceber que há mais seme-

lhanças do que diferenças no quadro atual, uma situação que ganha uma dimensão maior com a emergência de dispositivos tecnológicos, entre os quais a Internet, que altera a forma de veiculação da informação e amplia a quantidade. Um crescimento que teve a quantificação constatada por Ramonet (1999:128), com a demonstração de que nos últimos 30 anos circulou mais informação do que em cinco mil anos:

> Um único exemplar da edição dominical do *New York Times* contém mais informação do que poderia adquirir durante toda uma vida, uma pessoa culta do século XVIII. [...] Mesmo um leitor capaz de ler mil palavras por minuto, oito horas por dia, precisaria de um mês para ler as informações publicadas em um dia. [...] Teria acumulado um atraso de cinco anos e meio de leitura.

Para Pena (2005:71) o que pode ser descortinado sobre o que é notícia é a chave para entender o significado do mundo, em decorrência das transformações políticas e econômicas, tornadas maiores com a tecnologia. O que gera a constatação de que apesar de parecer diferente, nas notícias o mundo continua igual ao que sempre foi, em busca de uma mudança real: "Revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade".

1.1.1 As vertentes do desenvolvimento

A compreensão do desenvolvimento do jornalismo, para Traquina (2005 a: 33), representa o reconhecimento da existência de três vertentes. Elas são apresentadas como expansão, comercialização e o estabelecimento do campo jornalístico, com a emergência de um pólo econômico, uma decorrência da transformação da informação em um produto, relacionado à busca de uma lucratividade.

O relato a seguir é uma avaliação de como esses fatores tiveram a influência, que é destacada, sobre o jornalismo. Uma questão significativa é a da transformação tecnológica, importante para a evolução do jornalismo, a partir do século XIX, e presente no momento atual, com o surgimento de novas tecnologias, como a Internet, transformada em mídia.

A expansão, no contexto do desenvolvimento do jornalismo, está relacionada à ampliação da circulação dos jornais, favorecida pela maior oferta de publicações e exemplares, refletida pelo aumento da lucratividade, com o aumento do volume de vendas, no século XIX. São fatos decorrentes do estabelecimento de um novo paradigma, que marcará o jornalismo:

> Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço ao público – uma constelação de ideias, que dá forma a uma nova visão do 'polo intelectual' do campo jornalístico (Traquina, 2005a:34).

O estabelecimento de um novo paradigma, no qual a notícia é reconhecida como um produto, e o seu consumo vinculado a um processo em que a base é o lucro, geraram uma nova realidade, na qual o jornalismo está inserido. O marco é a década de 30, do século XIX, destacada pelo surgimento da *penny press* nos Estados Unidos.

O desenvolvimento tecnológico impulsiona o aumento da tiragem e o crescimento dos jornais, com o surgimento de dispositivos que permitiram aumentar a capacidade de impressão das publicações, além de aspectos sociais e econômicos. Traquina (2005a) aponta quatro fatores, relacionados a esse contexto:

1. Evolução do sistema econômico;
2. Os avanços tecnológicos;
3. Fatores sociais;
4. A evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia.

Desde o início do século XIX, o desenvolvimento tecnológico tinha permitido aumentar a capacidade de impressão. Invenções como a rotogravura, em 1851, e a heliogravura, em 1905, trouxeram melhoria ao processo de confecção de jornais. A criação do telégrafo, em 1844, e, posteriormente, o telégrafo por cabo, em 1866, representaram uma nova

forma de conexão com os fatos, maior velocidade e a redução do fator tempo na divulgação de informação. São modificações que restringiram a distância geográfica e incorporaram a noção de atualidade ao jornalismo. A implantação das linhas telegráficas, nas décadas de 50 e 60 do século XIX, permitiu a consolidação das agências de notícias, importantes para o fortalecimento de um jornalismo baseado em informação (Traquina, 2005a: 39).

O que caracteriza a comercialização como uma vertente do desenvolvimento do jornalismo é o estabelecimento de uma ideologia, como define Traquina (2005a), através da qual a função dos jornais é servir aos cidadãos, com informação útil e interessante. A comercialização representa uma forma de independência dos laços políticos, porque transforma a atividade em uma indústria, com a venda de um produto – as notícias – com o objetivo de conseguir lucro.

A *penny press*, denominação herdada do valor que correspondia ao pagamento de um exemplar do jornal, é apontada como o modelo deste novo padrão do jornalismo. A partir de seu surgimento, em 1835, com o lançamento do *New York Sun*, passa a ser uma inspiração para outras publicações com o mesmo estilo:

> Novo jornalismo que privilegia a informação e não a propaganda, distinção que é vista como pressupondo um novo conceito de notícia onde existiria a separação entre fatos e opiniões. É precisamente está ideia que a denominada penny press dinamizou, efetuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação (Traquina, 2005a, p. 51).

O jornal *New York Sun*, publicado a partir de três de setembro de 1833 e editado pelo impressor Benjamim H. Day, é considerado o precursor de "uma nova era do jornalismo que em poucos anos revolucionaria a publicação jornalística" (Defleur & Ball-Rokeach, 1993:67). Uma das estratégias do jornal era buscar um aspecto mais atrativo para a informação divulgada, em relação ao conteúdo. As transformações ocorridas nas grandes cidades permitiram o aumento da importância dos jornais, o que DeFleur e Ball-Rokeach (1993) definem como "audiência".

Dois pesquisadores norte-americanos, Kovach e Rosenstiel (2003, p. 63), relacionam este momento, como o de busca de um público, adequado a uma nova realidade do jornalismo: "Ao livrar-se do controle político no século 19, o jornalismo procurou seu primeiro grande público com base no crime, no escândalo, nas emoções fortes e no endeusamento das celebridades".

As características do novo modelo de jornalismo, amparado em um estilo que valoriza a informação e busca atrair o interesse do leitor, estão vinculadas às transformações que determinam o aumento do índice de leitura dos jornais. A emergência do repórter, termo atribuído a Samuel Morse, inventor do telégrafo (Adghirni, 2005:48), inaugura uma nova forma de relatar a informação, em termos de testemunho direto.

A utilização dos recursos decorrentes das inovações tecnológicas permite uma transformação na forma de elaboração da reportagem, conforme descrita por Schudson (1993). O autor, com base em um estudo sobre a mensagem apresentada pelo presidente dos Estados Unidos, ao Congresso norte-americano, constata que a adoção do *lead*, como técnica para a redação das reportagens, alterou a forma de participação dos jornalistas. Ele registrou três formas básicas de redação das reportagens, em um período entre 1790 e 1978. A observação de Schudson (1993:284) é que, a partir da nova forma de elaboração da informação, o papel desempenhado pelos jornalistas passa a ser outro: "Com o estabelecimento do *lead* como convenção jornalística, tornou-se claro que os jornalistas deixaram de ser estenógrafos ou gravadores para passarem a ser intérpretes".

O episódio da Guerra Civil Americana, entre 1861 e 1865, é considerado como um marco importante para a história do jornalismo, no contexto tratado. Eram mais de 80, os correspondentes de jornais norte-americanos que fizeram a cobertura da Guerra, iniciada após a eleição do presidente Abraham Lincoln (1809-1865), um ano antes, em 1860. Essa ação jornalística permitiu o surgimento da reportagem como uma técnica para a transmissão de informação dos acontecimentos, além do uso da entrevista para a coleta de dados. Foram modificações favorecidas por inovações tecnológicas, como o telégrafo e a máquina fotográfica.

O objetivo maior era que fosse mantido o crescimento da circulação, o que ocorre com o denominado jornalismo amarelo, a partir de 1880.

Dois dos grandes proprietários de jornais, William Randolph Hearst (1863-1951) e Joseph Pulitzer (1847-1931), envolvidos em uma disputa direta pela expansão da tiragem dos seus veículos, são os protagonistas deste momento.

No Brasil, a denominação com o sentido correlato é a de imprensa marrom (Angrimani, 1995:22) relaciona a expressão ao francês, por meio da apropriação da palavra *cimarron*, que tem o significado de ilícito, pouco confiável. O termo adotado nos Estados Unidos, jornalismo amarelo, está relacionado à publicação de trechos de histórias em quadrinhos, além de que a *penny press* tinha um menino amarelo como personagem.

A compreensão sobre o modelo deste tipo de jornalismo permitiu a Angrimani (1995) propor uma definição para o chamado de sensacionalismo, em relação à forma de destacar uma informação. Angrimani considera o sensacionalismo a opção de divulgar um fato, baseado na intenção de ampliar o seu valor. A diferença está na linguagem, que autores, como DeFleur e Ball-Rockeach (1993:72), ainda identificam, mais de um século depois, nos jornais contemporâneos, a partir de uma constatação de que: "Os jornais de hoje contêm certos artifícios que foram na verdade produtos das rivalidades da década de 1890".

A valorização alcançada com o crescimento da circulação dos jornais, baseada nas características do jornalismo denominado como sensacionalista, estabeleceu uma série de reações, uma delas relacionada ao surgimento de uma nova atividade, de referência direta ao trabalho dos jornalistas. A profissão de relações públicas é apontada por autores, como Chaparro (2006:34) e Amaral (2006:54) como uma decorrência de fatores, relacionados ao jornalismo e à evolução da economia norte-americana no fim do século XIX. Um jornalista, Ivy Lee, é reconhecido como um dos criadores do trabalho de relações públicas, depois de ter realizado, em 1906, uma campanha para uma empresa ferroviária dos Estados Unidos, envolvida em um acidente (Amaral, 2006).

Autores, Amaral (2006) entre eles, relacionam três fatores como importantes para o surgimento da nova atividade: 1) o espaço conquistado pelos agentes de imprensa, considerados como predecessores das relações públicas; 2) a intensificação das campanhas políticas; e 3) a utilização de redatores para a elaboração de textos, através de políticos e empresários. A valorização da atividade de relações públicas e a

influência sobre o jornalismo determinaram uma compressão sobre a informação, que alterava o paradigma sobre a veracidade, a partir de uma constatação atribuída ao jornalista Ivy Lee, por causa de uma definição: "Não há fatos, tudo é interpretação" (Amaral, 2006:54).

A objetividade representa, para o jornalismo, o estabelecimento de uma norma, que tem os Estados Unidos como o país onde a sua aplicação é considerada mais eficaz, até a consolidação em outras regiões, em especiais as que estavam sob a influência norte-americana, como o Brasil. A sua utilização é compreendida de diversas formas, mas uma autora, Tuchman (1993:74), a define como um ritual, que faz parte do trabalho do jornalista.

Para Tuchman (1993), a objetividade está condiciona ao que chama de "procedimentos estratégicos", aos quais os jornalistas recorrem para a elaboração das reportagens, o que permite: a apresentação de possibilidades conflituosas; o uso judicioso de aspas; e a estruturação da informação em uma sequencia apropriada, que são condições influenciadas por três fatores, a forma, as relações interorganizacionais e o conteúdo.

A objetividade é uma decorrência, para Barros Filho (2003:22), da valorização do positivismo, elaborado por Augusto Comte, como uma corrente filosófica de pensamento, estabelecida no século XIX. Ele considera que o pensamento positivista "estabelece a distinção entre o fato e o juízo de valor; entre o real e a valoração humana", que vão ter influência em outras ciências humanas e atinge o jornalismo. São as distinções apontadas que definem a diferença entre o jornalismo opinativo e o informativo: "A reportagem informativa atende a um interesse comercial. [...] a agência *Havas* divulgava três versões do mesmo informe: uma republicana acentuada, outra de coloração moderada e uma terceira conversadora antirrepublicana" (Barros, 2003:24).

O estabelecimento de um padrão de jornalismo, que tinha como referência a publicação de informação reconhecida como atividade empresarial, impõe uma concepção sobre a função da notícia, apresentada sob duas perspectivas. A primeira, a que estava vinculada a um modelo no qual a informação era definida como sensacionalista em busca da elevação das tiragens das publicações, com a divulgação de assuntos que mobilizavam o interesse do público. A outra relacionava a informação associada à prestação de um serviço, através do qual era oferecido aos

cidadãos, pelos meios de comunicação, o maior conhecimento possível sobre os fatos considerados mais importantes.

Este momento, no século XIX, marcado pelo sucesso da *penny press*, é apontado como o do surgimento do que é definido como o campo jornalístico, da forma como é abordada por Bourdieu (1977). Representa um instante de transição do jornalismo, um direcionamento para vinculação a um modelo relacionado à lógica comercial: "A legitimação do campo jornalístico desloca o campo jornalístico do sucesso democrático (informar o cidadão [...]) ao sucesso comercial (o jornal mais vendido, de maior tiragem, aquele que proporciona um maior número de negócios)" (Ferreira, 2002:244).

A noção de campo social e mais particularmente de campo jornalístico, estabelecida por Bourdieu (1997:106), através de diversos de seus escritos, a partir da década de 80 do século passado, está relacionada à existência de uma legitimidade, que estabelece um domínio de competência em função de lógicas internas e externas. Uma evidência, relacionada ao jornalismo, pelo interesse no uso do espaço, intermediada pela atuação de um grupo especializado - os jornalistas, que detêm o monopólio de decidir sobre o que publicar e a forma dessa publicação:

> Como o campo literário ou o campo artístico, o campo jornalístico é então o lugar que se impõe aos jornalistas através das restrições e dos controles cruzados que eles impõem uns aos outros e cujo respeito (por vezes designado como deontologia) funda as reputações de honorabilidade profissional.

Rodrigues (1990:152) busca a teoria dos campos sociais para propor uma definição mais ampliada, distinguida pela compreensão de uma referência que pode ser percebida para além dos meios de comunicação:

> Campo dos *media* é uma designação que aqui utilizamos para dar conta da instituição de mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente, organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem a prossecução dos seus interesses.

A aplicação da noção de campo para permitir o entendimento sobre o funcionamento, em relação ao jornalismo, conduz a uma abordagem, em torno da relação com os outros campos, notadamente o econômico e o político, em relação à informação. A transformação que a comercialização impõe, gera considerações sobre aspectos da sua definição, como a autonomia e as práticas adotadas.

A primazia sobre a informação implica uma relação contraditória do campo jornalístico com os outros campos, compreendida por Bourdieu (1997:77) como uma dependência do campo econômico. A busca da lucratividade como uma alternativa para viabilizar a atuação do campo jornalístico, independente do campo político, o transformou em refém de uma lógica que é relacionada pelo autor a uma "pressão do campo econômico pelo índice de audiência".

1.1.2 O jornalismo no Brasil

O início do jornalismo no Brasil está estabelecido como ocorrido em 1808, o ano da vinda da família real portuguesa para o país, em fuga de Lisboa, com a ajuda da coroa inglesa, diante da ameaça de invasão pelo Imperador francês, Napoleão Bonaparte. O marco é a instalação da primeira tipografia, em maio, no mês seguinte à chegada de Dom João, Príncipe Regente, com a constituição da Imprensa Régia. O processo de implantação da imprensa no Brasil é reconhecido como atrasado, através de estudos como o de Melo (*apud* Romancini & Lago, 2007: 19)[1].

A primazia de ser o primeiro jornal do país é de uma publicação lançada no exterior, o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa (1774-1823), em Londres, onde vivia exilado, depois de fugir da prisão em Portugal, acusado de difundir a maçonaria. O jornal circulava, clandestinamente, no Brasil. Morel (2008, p.31) aponta na atuação do *Correio Braziliense* uma dicotomia, verificada na existência de posições semelhantes à *Gazeta do Rio de Janeiro*, editada, desde 1808, pela Imprensa Régia, após a chegada ao Brasil da família real. Era a favor da monarquia, defendia a liberdade de opinião, a abolição da escravatura e aderiu, posteriormente, a luta pela independência do Brasil.

[1]Melo, J. (1973:82) *apud* Romancini, R. & Lago, C. (2007:19).

O *Correio Braziliense* foi editado até 1822, com a publicação mensal de 175 números, com 140 páginas em cada edição. Na Bahia, durante 12 anos, entre 1811 e 1823, circulou o que é reconhecido como o primeiro jornal do Estado, *Idade d'Ouro do Brazil*, publicado por Manoel Antônio da Silva Serva.

A censura prévia no país no período imperial terminou em 1821, com a volta de Dom João para Lisboa, como VI detentor do título de Rei de Portugal,em substituição à mãe, Dona Maria, intitulada a Rainha Louca. A mudança é uma decorrência da ascensão de Dom Pedro I, que proclamou, um ano depois, a Independência do Brasil de Portugal. No mesmo ano, 1822, surgiu o *Diário do Rio de Janeiro*, considerado o primeiro jornal informativo brasileiro, interessado em assuntos locais, distanciado de temas da política. O mais antigo jornal em circulação na América Latina, o *Diário de Pernambuco*, é fundado em 1823.

Os estudos sobre a história e o desenvolvimento do jornalismo brasileiro são influenciados pelo trabalho de Sodré (1977). Autores como Lage (1979), Bahia (1990) e Ribeiro (1994) estão entre os mais destacados; assim como Martins e Luca (2008) e Romancini e Lago (2007), são indicados como mais recentes.

A João do Rio, João Paulo Alberto Coelho Barreto (Medina, 1978: 62), é atribuído o surgimento da figura do repórter no jornalismo brasileiro, em função do estilo baseado na observação da realidade, coleta de informação e tratamento literário do texto. Dos grandes jornais brasileiros em circulação, dois são do início do século XX. *O Globo*, origem das Organizações Globo, assumido pelo jornalista Roberto Marinho, após a morte do pai, Irineu Marinho, e a *Folha de S. Paulo*, fundada como a *Folha da Manhã*. Neste período, o rádio surge como novo meio de comunicação no Brasil, em 1927, com a operação da primeira emissora, no Rio de Janeiro, a Sociedade.

A modernização, que tem como marco a adoção de um manual de redação pelo *Diário Carioca*, ocorre no início da década de 50 do século XX (Lage, 2005:57), influenciada pela passagem de Pompeu de Souza pelos Estados Unidos, onde trabalhou como jornalista, no período da Segunda Guerra Mundial. Pompeu de Souza aplicou no Brasil os paradigmas norte-americanos.

A reforma realizada pelo *Diário Carioca* impulsiona transformações nos jornais brasileiros, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo.

As que são reconhecidas como as mais importantes são as do *O Estado de S. Paulo*, menos citada, e a do *Jornal do Brasil*, sempre destacada como uma referência por ser um prosseguimento da reformulação iniciada por Pompeu de Souza no *Diário Carioca*.

A de *O Estado de S. Paulo* é descrita por Abramo (1988:34). O processo de reformulação está relatado pelo jornalista, em uma publicação de caráter autobiográfica, lançada um ano após a sua morte, em agosto de 1987:

> O que fizemos, primeiro sob a capa de reforma gráfica e depois com a anuência total da direção, foi uma reforma total na maneira de fazer o jornal, nos métodos de cobrir as coisas e na introdução de um tipo de cobertura 'científica', que previa grandes operações com todos os detalhes perfeitamente estudados, previstos e calculados, com espaços pré-determinados, fotografias desenhadas antecipadamente, etc.

As modificações implantadas em *O Estado de S. Paulo*, apesar de realizadas há mais de 50 anos, representaram transformações, mantidas no jornalismo brasileiro, como as edições de domingo. Abramo (1998) superou as convicções dos proprietários do jornal, a família Mesquita, para incluir os principais assuntos na primeira página. Ele utilizava o recurso de colocar os destaques na última página, diferente do que era feito em outros jornais.

A reforma que foi realizada pelo *Jornal do Brasil*, iniciada em 1956, aparece com maior referência, no estudo realizado por Ferreira (1996). A autora fez uma análise da reformulação realizada pelo jornal, considerada um marco, a partir do lançamento, em abril de 1891. Ferreira (1996) a justifica como uma decorrência dos anos 50, que representaram um momento-chave das transformações ocorridas no país.

Outro fato, digno de nota, é o sucesso da revista *O Cruzeiro*, que lançada em dezembro 1928, transforma-se em um sucesso editorial a partir de 1946, quando atingiu a marca de 100 mil exemplares (Netto, 1998:124). O principal momento ocorreu em 1954, com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. A edição que incluía este assunto teve uma tiragem de 850 mil exemplares, em um período em que a população do Brasil era em torno de 50 milhões de habitantes.

O período de transformações do jornalismo é marcado pela atuação de três jornalistas, importantes para a história da imprensa do Brasil. Os conflitos entre Assis Chateubriand (1908-1968), Carlos Lacerda (1914-1977) e Samuel Wainer (1912-1980) marcaram o Brasil, diante da forma que eles escolheram para atuar no jornalismo (Laurenza, 2008:199). A referência a tais jornalistas permite, através da compreensão de um momento da história do jornalismo, perceber como a atuação das empresas e dirigentes estava vinculada ao quadro político. Uma situação que será repetida mais adiante, com a ascensão dos militares brasileiros ao poder no Brasil, a partir de março de 1964.

O golpe militar impõe uma série de restrições, muitas delas, inicialmente, apoiadas pelos principais jornais e jornalistas brasileiros. A mudança do panorama ocorre com o surgimento da chamada imprensa alternativa. Kucinski (1991) aponta o período de 1964 a 1980, como o da sua existência no Brasil. Entre o início do regime militar e o fim, em 1985, do período de exceção – com a posse de um civil, José Sarney, como presidente da República –, foram publicados 150 periódicos.

As publicações tinham como foco denúncias de torturas e violações dos direitos humanos e críticas ao modelo econômico. Estavam divididos em duas classes. A primeira predominante política, baseada em ideias relacionadas às concepções de nacional e popular dos anos 50 e do pensamento marxista do movimento estudantil. A segunda, criada pelos jornalistas, estava mais fortemente relacionada à busca de formas de expressão, em função da censura imposta aos meios de comunicação, um assunto tratado por autores como Abreu (2000), Smith (1997) e Marconi (1980).

A atuação da imprensa alternativa, combatida pelo regime militar, principalmente por meio da censura, é marcada pelas contradições, em relação à forma de ação. Aguiar (2008:234) cita o processo de surgimento, funcionamento e o fim de três jornais desta categoria – *Opinião, Movimento* e *Em Tempo* – para demonstrar como a confluência de um mesmo objetivo – combater o período de exceção, decorrente do Golpe de 64 – permitiu a materialização em publicações, mas o desacordo sobre as estratégias quanto à forma do enfrentamento causou o fim de algumas:

> Do racha de *Opinião* [lançado em 1972, pelo empresário Fernando Gasparian], construído no jornal de 1974 e come-

> ço de 1975, e que opôs Gasparian a maioria da redação liderada por Raimundo Pereira [jornalista, que fez parte de diversos jornais da imprensa alternativa e editor da Veja] nasceu *Movimento*; daquele racha de *Movimento*, ao final de abril de 1977, nasceu *Em Tempo*. Na passagem entre os três, de um para o outro, um tipo de imprensa alternativa se consolidou, entrou em crise e morreu. Mas deixou, é claro, um legado.

A televisão, inaugurada em 1950, por Assis Chateubriand, ganha importância e abrangência, beneficiada pela ação do Governo brasileiro, que constituiu uma empresa – a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) – para realizar a implantação de um sistema de microondas. Através desta estrutura passou a ser feita a transmissão para todo o território nacional da programação das redes formadas pelas emissoras de televisão a partir de um ponto, no Rio de Janeiro e em São Paulo (Souza, 1995b:128).

O *Jornal Nacional*, programa de jornalismo da Rede Globo, é o símbolo desta evolução tecnológica. O telejornal é o primeiro da televisão brasileira transmitido, simultaneamente, para todo o país. A estreia, em 1º de setembro de 1969, é marcada pela ação da censura, que não permite a divulgação de informações corretas (Gaspari, 2002:105) sobre o estado de saúde do presidente Costa e Silva.

A força e abrangência da televisão foram utilizadas pelos lados em disputa, em um período do regime militar, na década de 70. O mesmo Jornal Nacional, três dias depois da estreia, serviu para a divulgação de um manifesto (Tostes, 2005:47), sobre o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, ocorrido em quatro de setembro de 1969.

A informatização na imprensa brasileira é iniciada antes de alcançar as redações, com a aplicação de recursos da informática na impressão dos jornais, como está descrito em Vianna (1992). A introdução dos terminais nas redações, na *Folha de S. Paulo*, em 1983, representa um salto tecnológico, porque permite a junção de três sistemas – computadores, terminais e fotocomposição, por meio das tarefas de redação, edição, composição e impressão.

O quadro contemporâneo da imprensa brasileira, marcado pelo processo de redemocratização, a partir de 1985, está refletido através dos

grandes grupos do setor de comunicação do país, descrito na análise de Nassif (2003). Ele considera que o atual período é marcado pelo desvirtuamento da função do jornalismo, com a submissão do conteúdo dos jornais aos interesses mais imediatos da circulação e tiragem. Para o autor, o marco da atual conjuntura é o *impecheament* do presidente Fernando Collor, em 1992.

Um estudo, realizado por Sant'Anna (2008), serve como referência sobre a situação atual do jornalismo impresso brasileiro, no contexto do século XXI. Ele demonstra que o quadro é de deslocamento do público para novas mídias, como a Internet, um processo paralelo à queda de circulação dos jornais. A partir do cruzamento de dados, em que constata a redução do tempo de leitura e de compra de novos exemplares de jornais e revistas, o autor demonstra o crescimento do público na Internet:

> Dos 63 milhões de pessoas com mais de 16 anos e telefone fixo residencial, 44,9% (ou 28,3 milhões) tinham acesso à Internet no início de 2002. No fim de 2005, essa fatia tinha aumentado para 53,1% (ou 33,4 milhões). [...] Um ingresso de 5,1 milhões de novos usuários em apenas quatro anos (Sant'Anna, 2008:44).

Um registro importante, apresentado por Sant'Anna (2008), é que entre o contingente formado pelos usuários da Internet, mais da metade (57,6%), busca no novo meio a oferta do que sempre procurou nos meios de comunicação mais antigos: notícia e informação.

Nesta primeira parte, em função do objetivo de buscar compreender o desenvolvimento do jornalismo, analisou-se a relação desta transformação como uma referência importante para a compreensão do que é notícia. Evidenciou-se a importância de três aspectos, com base na proposição de Traquina (2005a), se que o desenvolvimento do jornalismo é compreendido através da sua expansão, do processo de comercialização e da constituição de um campo específico, em torno da noção de campo social, na forma tratada por Bourdieu (1997).

O jornalismo, entendido através dessa referência vinculada aos aspectos destacados, configurou um padrão, influenciado, principalmente, pela prática adotada nos Estados Unidos e Inglaterra. Um modelo centrado na concepção da *penny press*, surgido no século XIX. O mais

significativo desta influência é a configuração de um jornalismo relacionado à divulgação de fatos. Condição que determina uma nova função para a notícia, em torno de seu reconhecimento como elemento central do jornalismo.

É nos limites da circunscrição da relação entre o desenvolvimento do jornalismo e o papel desempenhado pela notícia que trataremos a seguir. Um percurso entre concepções diferentes, proposições e teorias divergentes, porém relacionadas pela compreensão da função desempenhada pela notícia no jornalismo.

1.2 Notícia: os marcos de uma referência

A preocupação em definir o que é notícia existe a partir do surgimento do jornal: "Desde o nascimento do jornal no início do século XVII, como meio de comunicação constante, existe a necessidade de escolher, dentre um grande número de acontecimentos, aqueles que merecem ser divulgados" (Kunczik, 1997:21).

Kunczik (1997) considera poucas, de um modo geral, as investigações sobre o jornalismo, em comparação com os estudos e pesquisas sobre comunicação. O autor estabelece uma primazia da Alemanha no reconhecimento da importância do jornalismo para a sociedade do país, antes da Primeira Guerra Mundial (1910-1914), ao destacar que em 1910, o sociólogo Max Weber (2005:13) propôs a realização de uma pesquisa para analisar a imprensa.

A importância da Alemanha nos estudos sobre jornalismo é reconhecida por Machado (2005), ao registrar a viagem do sociólogo norte-americano Robert Park para realizar doutoramento naquele país. Park é apontado por Machado (2005:25) "como um dos pioneiros na pesquisa em jornalismo do mundo".

Uma pesquisa apresentada em 1690, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, da autoria de Tobias Peucer (Kunczik, 1997:241) é reconhecida como a primeira tese de doutorado em jornalismo É um estudo, intitulado *De Relatiobus Novellis*, sobre valores da notícia e contém, principalmente, aspectos que serão destacados mais adiante, relacionados aos critérios de noticiabilidade.

Há autores, como Pena (2005) e Traquina (2005a; 2005b) que usam como referência um marco diferente, relacionado ao início da realização

de estudos sobre a notícia. Os dois consideram a pesquisa de David Manning White, publicada em 1950, como a primeira de natureza acadêmica sobre o tema. O estudo de autoria de White, no contexto das teorias que foram formuladas sobre o jornalismo e a notícia, analisa o processo de seleção da informação e o papel desempenhado pelo jornalista.

A pesquisa incorporou para analisar a tarefa do jornalista na escolha da notícia, o termo *gatekeeper*, um conceito que teve uso, pela primeira vez, atribuído ao psicólogo social Kurt Lewin, em uma pesquisa publicada em 1947 (Traquina, 2005a: 150). O uso do conceito por Lewin está relacionado à análise de decisões dentro de grupos. Kunczik (1997:21) reivindica para o idioma alemão esta primazia, ao indicar que a utilização do termo pela primeira vez ocorreu em 1913, pelo sociólogo Lewin Schüeking, em um trabalho sobre a formação do gosto literário.

A referência aos estudos sobre o jornalismo é modificada na década de 70 do século XX, como apontam diversos autores, e a sistematização desenvolvida por Wolf (1987) é considerada como uma das mais significativas, em um momento em que são feitas várias pesquisas relacionadas ao tema. Uma tendência foi a realização de estudos que tinham como temas a prática profissional dos jornalistas e a organização das empresas para a produção de notícias:

> É especificamente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção destes estudos, que incluem sobremodo o relacionamento entre fontes primárias e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja do nível da captação da informação, seja no tratamento e edição, enfim, em sua distribuição (Hohlfeldt, 2001:203).

A corrente de investigação demarcada por estas características considera o estudo da notícia com base em um novo paradigma, o da construção da realidade. Esta linha de pesquisa, denominada *newsmaking*, tem como base a sociologia do conhecimento, em torno, principalmente de autores como Berger e Luckmann (1985). Para estes, a noção de realidade social está no nível da vida cotidiana. Um entendimento transferido para a reprodução feita pelos meios de comunicação, em relação

ao ordenamento que fazem dos acontecimentos, através da reconstituição como notícia, por meio da ação dos jornalistas.

Alsina (1993:184) estabeleceu que a distinção sobre os estudos da notícia, como um objeto de pesquisa do jornalismo, está determinada entre as duas concepções. Para ele, a definição sobre a forma de estudar e compreender a notícia está resumida através do entendimento do que são as duas compreensões. Elas estão separadas, distintas uma da outra "de um lado estão os que defendem a concepção de que a notícia é um espelho da realidade. Do outro, o que a notícia seria concebida como construção".

A valorização do paradigma da notícia como construção é definida por Ponte (2005:182) como um momento de transformação, porque permitiu uma alteração em relação aos métodos para a realização de pesquisas sobre a notícia. A importância destacada por ela é da influência da antropologia nos estudos de temas do jornalismo:

> Da viragem sociológica de sentido interacionista resultou a aproximação de métodos utilizados por antropólogos em trabalhos de campo, o que permitiu uma observação mais importante sobre as ideologias e as práticas profissionais dos produtores de notícias em contexto de situação, contemplando tempos de rotina e momentos de crise.

A influência desta corrente atingiu o Brasil. Pena (2005) aponta um estudo de Vizeu (2000) sobre a produção de um telejornal local da TV Globo, exibido no Rio de Janeiro, como um exemplo da utilização deste tipo de pesquisa no país. Os estudos sobre o jornalismo no Brasil foram inventariados por Melo (2006). O início é relacionado à década de 50, do século XX, com a implantação do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo.

Os estudos de dois pesquisadores, Genro Filho (1989) e Meditsch (1992), estão entre os que estabeleceram nova perspectiva para as pesquisas desenvolvidas no Brasil. Genro Filho (1989) se destaca pelo pioneirismo, ao inovar com o reconhecimento do jornalismo como uma forma social de conhecimento; Meditsch (1992) ao propor uma diferença entre o conhecimento do jornalismo e o da ciência.

1.2.1 As pistas para uma definição

A necessidade de determinar o que é notícia está relacionada à natureza do trabalho apresentado. Uma das iniciativas, utilizada por alguns autores, é buscar a definição sobre o que é notícia a partir da significação da palavra.

A referência à origem, no latim, é usada por Fontcuberta (1981:9), que aponta a relação com a palavra nova, que "significava originariamente coisas novas". Jorge (2007:37) verificou outras vinculações com o idioma e encontrou dicionários com diversos significados:

> São muitos os conceitos de notícia. Do latim *notitia*, sua raiz está em noção, conhecimento. Nos dicionários, a palavra pode ter vários significados. 1. Informação, notificação, conhecimento; 2. Observação, apontamento, nota; 3. Resumo de um acontecimento; 4. Escrito ou exposição sucinta de um assunto qualquer; 5. Novidade, nova; 6. Nota breve sobre um assunto, lembrança.

Muniz Sodré (1998:135), em um estudo no qual faz um balanço da aliança entre tecnologia e comunicação, em ambiente de economia do mercado, apresenta o reconhecimento da particularidade que possui a notícia como forma narrativa. Ele a define como o "produto mais típico do jornalismo".

As definições sobre o que é notícia, considerada como "unidades discursivas" por Sousa (2002:25) são diversas. Relacionam-se à ideia do que pode ser tratado "como matéria-prima do jornalismo, a base do que é publicado" (Amaral, 1978, p. 40). Erbolato (2006, p. 53) relacionou definições para estabelecer a existência de algumas que podem ser classificadas como "insatisfatórias". Para Erbolato (2006) existem particularidades sobre a natureza dos meios de comunicação e o interesse do público em relação aos assuntos que são divulgados.

A atuação dos jornalistas tem interferência na definição do que é notícia. Esta observação está relacionada à noção de cultura profissional, da forma como trata Traquina (2005a: 102), como um dos "mais importantes atributos de uma profissão". A avaliação é que esta capacidade dos jornalistas dá à categoria uma competência específica. A condição de conviver com a busca do inesperado e do imprevisto para

a adequação a um processo, encerrado com a divulgação de um fato. Esta capacidade é relacionada por Traquina (2005a: 45) a um padrão, adquirido entre os profissionais, de forma progressiva, um saber particular, intrínseco à profissão: "Os jornalistas reivindicam o monopólio de um saber específico, precisamente o saber de produzir notícias. Ser jornalista é saber não só buscar a notícia: é ter uma perspicácia profissional, possuir uma perspicácia noticiosa".

Este saber é definido por Bourdieu (1997:25) como um jeito particular de ver o mundo, os fatos transcorridos, compreendido como uma metáfora, a de que a categoria, os jornalistas dispõem de "óculos especiais, a partir dos quais veem certas coisas e não outras". Ele a descreve como uma ação em torno da escolha do sensacional que determina o interesse, pelo que é representado como "rebelião", como, por exemplo, o ocorrido nos subúrbios da França.

Tuchman (1983) desenvolveu uma referência de que a notícia é influenciada por três níveis: o do jornalista, o da organização e o da comunidade profissional. A utilização dos três níveis é pela necessidade de captação da maior quantidade possível de acontecimentos, através de uma estratégia que permita o estabelecimento de uma ordem no tempo e no espaço.

As ideias de Tuchman (1983:34) geram o que ela define como "rede informativa". A rede é formada com base, de acordo com a pesquisadora, em três presunções sobre o público: 1) de que existe o interesse sobre o que ocorre em determinados lugares; 2) sobre assuntos relacionados às organizações e instituições específicas; e 3) sobre temas determinados.

Para Tuchman (1983:36), "a rede informativa impõe uma ordem no mundo social, porque faz possível que os acontecimentos informativos ocorram em alguns lugares mais do que outros". O que para Traquina (1988:32) determina, em Portugal, a reprodução de um padrão que também ocorre com a cobertura dos países em desenvolvimento e dos mais pobres:

> O 'resto do País ' é notícia, como os países do Terceiro Mundo, quando há desordem: desordem natural (cheias, por exemplo), desordem tecnológica (acidentes), desordem social (distúrbios ou cortes de estradas), desordem moral

> (crimes). O 'resto do País 'é também notícia quando serve de palco para as deslocações das autoridades institucionais.

A existência de uma rede informativa estabelece a ideia de um sistema para a produção da notícia, o que a coloca como um produto da informação, definição utilizada por Cesareo (1986). O autor entende a definição do que é notícia como parte de um processo, em que o reconhecimento representa a confirmação da existência de uma estrutura voltada para esta finalidade (Cesareo, 1986:16) "é notícia o que confirma, conjuntamente, a norma social e a produtiva".

A escolha da notícia, da forma que Cesareo (1986) a define, está relacionada a uma "lógica produtiva". Esta representa, de acordo com o autor, um conjunto de relações que envolvem os critérios aplicados pelos jornalistas e a estrutura dos meios de comunicação em torno de mecanismos próprios para seleção de um assunto. Cesareo (1986:62) considera que é neste momento, quando existe um corte, que se determina "o que é notícia". Algo que representa "um desvio do que se considera a norma em relação aos processos sociais e naturais". Este ponto é que se configura como o de reconhecimento do que é um acontecimento, o marco zero da notícia.

Dois autores, Molotch e Lester (1993:37), desenvolveram uma concepção sobre a noção de acontecimento, em torno da interferência de indivíduos ou grupos, aos quais denominam de agências. As interferências são realizadas por três grupos; 1º) formados pelos promotores de notícias, denominados de *news promoters*; 2º) os jornalistas, identificados como *news assemblers*; e 3º) os leitores, relacionados como *news consumers*. A esses grupos, os autores atribuíram características, relacionadas à interferência que realizam sobre a definição de um acontecimento: 1) o acontecimento de rotina; 2) os apresentados como acidentes, escândalos e *serendipity*[2].

O primeiro grupo, *news promoters*, Molotch e Lester (1993) definem como indivíduos ou associados que têm a capacidade reconhecida pela posição que ocupam ou o fato identificado, para tornar algo em uma ocorrência de interesse. O segundo grupo, *news assemblers*, corresponde aos jornalistas, que utilizam a informação proveniente de quem

[2]Expressão em inglês para facilidade ou talento para fazer uma descoberta por acaso ou involuntariamente.

está no primeiro grupo e a transformam em acontecimento, por meio da divulgação. O último, *news consumers*, abrange o público que estabelece uma compreensão sobre o acontecimento tornado público pelos meios de comunicação.

Talese (2004), em *Fama e Anonimato*, livro que teve uma edição publicada no Brasil, em 1973, com o título de *Aos Olhos da Multidão*, transformado em uma espécie de bíblia dos jornalistas brasileiros, intitula um capítulo *Nova York: a jornada de um serindipitoso*. São relatos de um jornalista e escritor norte-americano sobre fatos desapercebidos na cidade, como a vida de personagens, suas atividades e o trabalho, que permitem uma melhor compreensão sobre o jornalismo.

A transformação do acontecimento em notícia é uma ação influenciada pelo tempo, considera Fontcuberta (1999:15). Para a autora, esta característica condiciona, através de três fatores, a definição do que é notícia: ser recente; ser imediata; e circular. Fontcuberta (1999) aponta a atualidade como o eixo central da coerência que é concedida aos fatos, mas depende de uma variável determinada pela periodicidade. Ela relaciona a periodicidade à frequência da circulação da informação, de acordo com o padrão de um veículo. Esta condição está vinculada ao que Traquina (2005a: 37) define como o ciclo de tempo que os jornalistas precisam para cumprir os horários de fechamento.

As notícias têm uma classificação, em consequência de sua própria emergência, que leva em conta a ocorrência em relação ao tempo. De acordo com Tuchman (1983:60), as notícias são divididas em duras e brandas, diferenciando-se em função da publicação imediata ou não, devido à importância do assunto.

O processo de escolha da notícia está condicionado a uma rotina, como define Wolf (1987:193), dividida em três etapas: recolha (levantamento, apuração), seleção e apresentação. A rotina é identificada como o contexto em que são adotadas as decisões. Santos, R. (2001:116) a apresenta como o conjunto de ações realizadas em uma redação: "As rotinas produtivas, que procuram enquadrar o acontecimento e transformá-lo em notícia, incluem as reuniões, os contatos com as fontes, colaborações e formatos".

A primeira fase, que Wolf (1987:195) compreende como recolha, corresponde à definição de um acontecimento como notícia, que para este autor tem maior preponderância na televisão, "por ser mais pas-

siva que a imprensa escrita e ter a necessidade de um fluxo constante". Nesta, a definição das notícias tem a influência das fontes de informação.

A etapa seguinte, a de seleção, é de atributo exclusivo dos jornalistas, na qual interferem os condicionamentos pessoais, profissionais e da organização. Ela é comparada por Wolf (1987:215) "a um funil dentro do qual se colocam inúmeros dados de que apenas um número restrito consegue ser filtrado". O circuito da rotina é encerrado com a apresentação, que é determinada pelas características do produto e indicado pelo formato. Em todas as etapas, a atuação do jornalista está condicionada à referência do que é o público, sem conhecer o pensamento de quem consome a informação.

Os estudos sobre o jornalismo e a notícia estabeleceram modelos, que determinam compreensões relacionadas a diversos fatores, principalmente à conjuntura de seu desenvolvimento. São referências sobre a forma de fazer jornalismo, que estão definidas por paradigmas e postulados decorrentes de pesquisas e investigações, importantes para a reaização de estudos sobre o tema.

Em função da existência deste quadro, a nossa opção é pela concepção adotada por três autores, Pena (2005), Sousa (2002) e Traquina (1988, 1993, 2005). A orientação definida por eles é construcionista e utilizam a compreensão de que a notícia é um processo de construção, mas analisam o entendimento sobre o tema sob perspectivas diferentes.

Para Pena (2005) e Sousa (2002) a concepção do que é notícia pode ser verificada de duas formas. A primeira: porque as notícias são como são. A segunda: quais os efeitos que elas produzem. Em relação à primeira concepção, os dois partem da referência de Schudson (1988, p. 20), de que a notícia é uma decorrência de três ações: pessoal, social e cultural. Sousa (2002) fez um acréscimo, de que a notícia é um processo decorrente de outras ações, como ideológica, meio físico ou tecnológico e a histórica.

A proposta de Sousa (1999:16) estabelece que a transformação dessas ações em forças embasadas pela referência aos diversos modelos teóricos permite o estabelecimento de outra teoria, à qual denominou de multifatorial. Ele sugere a construção de um modelo unionista (Sousa, 2002:17), "uma teoria mais completa sobre o conteúdo das notícias".

Traquina (1988, 1993, 2005, 2005b) utiliza como referência ape-

nas a primeira perspectiva, relacionada à compreensão sobre porque as notícias são como são. Para facilitar a compreensão, utilizaremos como indicação, ao modo de definição das notícias, a representação que está relacionada a esta concepção, destacada acima abdicando da relacionada à que trata dos efeitos que produzem as notícias. Para melhor compreensão, as principais correntes teóricas e estudos estão relacionados abaixo:

A) **Espelho:** é apontada como a primeira teoria que representa o pensamento dos jornalistas sobre o que é notícia, ou seja, que não é reconhecida como um processo de construção da realidade e sim o de uma reprodução. É um paradigma demarcado pelas modificações ocorridas no jornalismo, na metade do século XIX, para determinar que o comprometimento do jornalista era com a transcrição de um relato, sem qualquer interferência dele.

B) **Ação Pessoal ou *Gatekeeper*:** considerada como a primeira teoria de origem acadêmica. Está baseada no estudo realizado por David Manning White, publicado em 1950. O termo *gatekeeper* está relacionado ao conceito utilizado pelo psicólogo social, Kurt Lewin, divulgado em 1947, vinculado à pessoa que é a responsável pela tomada de decisões. A pesquisa de White está relacionada a um estudo realizado em uma cidade dos Estados Unidos, a partir do trabalho de um jornalista, que tinha como tarefa realizar a seleção das notícias para publicação em jornal. A conclusão deste estudo indica que as decisões são subjetivas e arbitrárias.

C) **Organizacional:** é uma teoria que relaciona o jornalista ao contexto no qual trabalha, a empresa. O primeiro estudo sobre esta teoria é de Warren Breed, publicado na revista *Força Social*, em 1955 (Pena, 2005:136). Está relacionada à ideia de que os jornalistas são adaptados com maior facilidade às normas editoriais de uma empresa, com a perda das convicções sobre o entendimento que tenha sobre o trabalho que realiza.

D) **Ação Política:** seu desenvolvimento relaciona-se à ampliação dos estudos sobre o jornalismo na década de 70 do século XX. O

ponto de partida para as investigações é a hipótese da parcialidade, sob a consideração de que as notícias devem refletir a realidade sem distorção. As teorias definidas como de ação política são caracterizadas como instrumentalistas, com pontos de vista antagônicos, relacionados ao espectro político.

E) **Construcionista:** a aparição da teoria está localizada, nos anos 70 do século XX, com o desenvolvimento dos estudos relacionados aos *newsmaking*. Representa uma nova perspectiva, a partir de outro paradigma de investigação: o de que a notícia é um processo de construção social, mediado pelos jornalistas e submetido a outro processo condicionado pela organização imposta pela empresa, com a finalidade de buscar os acontecimentos e promover a sua veiculação. Para Traquina (2005b: 169), esta compreensão apresenta três razões, que determinam a rejeição da noção de espelho. A primeira é a impossibilidade de uma distinção entre a realidade e os meios de comunicação, que devem refletir a realidade. A segunda é que a linguagem não é garantia de uma neutralidade, diante da impossibilidade de seja deste jeito. A terceira é que os veículos são estruturados para a busca de informação, o que permite uma representação dos acontecimentos.

F) **Estruturalista:** está relacionada à Escola Culturalista inglesa. A concepção básica sobre essa teoria deve-se ao papel dos definidores primários, ou seja, a como são apresentadas as fontes de informação que têm acesso privilegiado aos meios de comunicação. É uma relação estrutural, que coloca os meios de comunicação em uma posição secundária. Porém, estabelece que os jornalistas estão submetidos a fontes privilegiadas, que têm interferência nos conteúdos que são veiculados como informação.

G) **Interacionista:** a compreensão principal é que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. Em busca da necessidade de cumprir o ciclo de produção, as empresas buscam ordenar a busca das informações, que compõem o seu produto: as notícias. As empresas constituem uma estratégia, com a finalidade de estabelecer uma ordem no tempo e no espaço.

H) **Gnóstica:** É uma concepção elaborada por Pena (2005). Os

> procedimentos dos jornalistas que definem essas características foram estudados pelos pesquisadores canadenses Richard Ericson, Patrícia Baranek e Janet Chan (Pena, 2005:139), classificados como um vocabulário de precedentes, relacionados à formação de uma cultura profissional, que corresponde ao acúmulo de saberes, gerados pela prática e transferidos aos mais jovens.

A referência sobre o papel desempenhado pela notícia no jornalismo, assim como a variedade de concepções e estudos, permite estabelecer uma compreensão, em torno de uma ideia presente na formulação da concepção adotada pela teoria construcionista. Esta se relaciona à definição de que a notícia é decorrente de uma lógica: 1) na qual existe a interferência da atuação dos jornalistas, por meio de um conjunto de fatores, relacionados à profissão; 2) bem como a da estrutura adotada pelas empresas para oferecer informação ao público, como um produto, em busca de um reconhecimento, através da audiência, que influencia o padrão adotado; 3) da ação das fontes.

Em torno desta concepção, trataremos a seguir da especificidade dos aspectos que interferem na seleção do que é notícia, um processo que existe desde um conjunto de elementos adotados pelos jornalistas e influenciados pelas características da informação, em relação ao acontecimento, ao produto, aos meios de comunicação e ao público, denominado de noticiabilidade. A meta é compreender a definição do que é notícia e, no ponto máximo, a decisão sobre a validade de sua divulgação.

1.3 Noticiabilidade: os elementos da notícia

A noticiabilidade está relacionada ao processo que contribui para a definição de um assunto como notícia. Ela corresponde aos requisitos necessários para a determinação do que torna um tema diferente, entre todos os outros avaliados. "A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias" (Wolf, 1987:168).

O processo de seleção de notícias está condicionado pela busca da noticiabilidade. É necessária sua identificação, com a observação dos

critérios utilizados pelos jornalistas e da organização jornalística, adequado ao ciclo e à publicação. Esta realidade é considerada restritiva, porque limita a seleção da notícia:

> A notícia resultaria, portanto de um processo organizado e constrangido de fabrico que nela deixariam as suas marcas, até porque só seria notícia o que fosse perspectivado como tal no seio da cultura profissional e da cultura própria do meio social envolvente, exceto em casos excepcionais só seria notícia o que pudesse ser processo pela organização noticiosa sem grandes sobressaltos ou complicações no ciclo produtivo (Sousa, 2002:99).

O marco dos estudos sobre este tema é a pesquisa realizada por dois noruegueses, Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1993, pp. 61-73), publicada em 1965, denominada *A Estrutura das Notícias Estrangeiras*. A partir de uma análise sobre as informações divulgadas em relação a fatos de três países, Congo, Chipre e Cuba, os autores apontaram critérios que determinam a transformação em notícia.

O estudo desenvolvido pelos pesquisadores noruegueses permitiu o estabelecimento de elementos que caracterizam a noticiabilidade: os valores-notícia. Wolf (1987:173) os define "como componentes da noticiabilidade", os quais possibilitam determinar, como se fora uma resposta, sobre os acontecimentos que apresentam potencial significativo, além de interesse e relevância para serem divulgados:

> Os valores-notícia utilizam-se de duas maneiras. São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público.

A compreensão da noticiabilidade com o conjunto de requisitos para a seleção de um assunto como notícia e o entendimento de que seu desenvolvimento é parte de um processo, que é percorrido até a publicação, determina para Wolf (1987:177) a existência de valores-notícia,

que têm relação com o conteúdo, produto, meios de comunicação, público e concorrência. Os critérios apontados por Wolf (1987) dizem respeito ao acontecimento; aos processos de produção e seleção; à imagem relacionada aos destinatários; e ao mercado.

Pena (2005:72), apresenta um quadro, da forma adotada por Wolf (1987) para relacionar os critérios que ele distinguiu, separados por categorias:

1. **Categorias substantivas, relativas ao acontecimento:** importância dos envolvidos, quantidade de pessoas envolvidas; interesse nacional; interesse humano; feitos excepcionais.

2. **Categorias relativas ao produto:** brevidade, atualidade, novidade, organização interna da empresa; qualidade (ritmo e ação dramática); equilíbrio (diversificação de assuntos).

3. **Categorias relativas aos meios de comunicação:** acessibilidade à fonte, local da ocorrência do acontecimento; formatação prévia, recurso aos manuais; política editorial.

4. **Categorias relativas ao público:** identificação dos personagens, reconhecimento da notoriedade e proeminência dos atores; noção de serviço e de interesse público; respeito às normas de proteção do público, como evitar a divulgação de fatos e imagens que desagradem;

5. **Categorias relativas à concorrência:** predominância do interesse na exclusividade ou furo; gerar expectativas; aplicação de modelos que tenham referência.

A classificação, desenvolvida por Wolf (1987), é reordenada por Traquina (2005a: 78) em dois grupos: 1) valores-notícia de seleção, distintos entre substantivos e contextuais; e 2) valores-notícia de construção. Outra autora, Silva (2005:97), parte do mesmo ponto ao buscar uma sistematização, na qual pretende "situar valores-notícia e seleção de notícias como conceitos pertencentes ao universo mais amplo do conceito de noticiabilidade".

Para Silva (2005), os valores-notícia estão separados por três aspectos, que são desenvolvidos em etapas diferentes do processo de seleção

e produção da notícia, definidos como: origem dos fatos, onde é desenvolvida a seleção primária; tratamento dos fatos, a que permite a elaboração da forma de apresentação ao público; e visão dos fatos, determinada pela etapa que é representada pelas questões ético-epistemológicas do jornalismo.

De acordo com as concepções desses autores, o quadro que relaciona os valores-notícia não teria a distinção com a especificidade que Wolf (1987) apresenta. O proposto por Traquina (2005a: 77), é uma influência do trabalho realizado por Richard Ericson, Patrícia Baranek e Janet Chan, além da contribuição de Galtung e Ruge (Traquina, 2005a: 78). A lista de valores-notícia que este autor propõe é a seguinte:

1. **Valores-notícia de seleção, critérios substantivos:** morte, notoriedade, proximidade, relevância, raridade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito ou controvérsia, infração e escândalo;

2. **Valores-notícia de seleção, critérios contextuais:** disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

3. **Valores-notícia de construção:** simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

A proposta de Silva (2005) apresenta apenas os valores-notícia que relaciona à origem dos fatos. É uma lista, com a relação de temas e assuntos, com base nas pesquisas de diversos autores.

1. **Impacto:** número de pessoas envolvidas (no fato), número de pessoas afetadas (pelo fato), grandes quantias (dinheiro);

2. **Proeminência:** notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite (indivíduo, instituição, país), sucesso / herói;

3. **Conflito:** guerra, rivalidade, disputa, greve e reivindicação;

4. **Entretenimento/Curiosidade:** aventura, divertimento, esporte e comemoração;

5. **Polêmica:** controvérsia e escândalo;

6. **Conhecimento/Cultura:** descobertas, invenções, pesquisa, progresso, atividades e valores culturais, e religião;

7. **Raridade:** incomum, original e inusitado;
8. **Surpresa:** inesperado;
9. **Governo:** interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens e pronunciamentos;
10. **Tragédia/Drama:** catástrofe, acidente, risco de morte e morte, suspense, emoção e interesse humano;
11. **Justiça:** julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais e crimes.

Os valores-notícia são apresentados como lista, de forma extensa, que relacionam os vários aspectos que interferem na noticiabilidade. Gomis (2002:226) retoma um estudo realizado por ele mesmo em 1991 para estabelecer a predominância de dois valores como os mais significativos para a seleção de uma notícia:

> O importante e o interessante são dois valores básicos no mercado da notícia. O interessante porque o interesse é o termo mais frequente, o mais usado na definição de notícia; se um fato não interessa ao público, tampouco convém ao meio incluí-lo em seu menu informativo. O importante, porque desde o aparecimento da imprensa se tem considerado que se o importante ocorre, ou seja, se acontece algo que pode afetar a população, o fato deve ser comunicado da forma mais popular de conhecimento que existe: a notícia.

Gomis (1991) identifica a presença dos valores-notícia, importância e interesse, nos modelos que classificou, para distinguir o que é notícia. Para ele, a notícia está classificada em quatro tipos: resultados, que correspondem ao registro que encerra um processo ou ação; explosões, que significa o contrário do primeiro modelo citado e tem a morte como principal símbolo; aparições, relacionadas às ações públicas de personagens relevantes; e deslocamentos, que são considerados como representações coletiva e social das aparições – por exemplo: visitas ou reuniões de Chefes de Estado ou Governo, manifestações ou greves etc.

A partir dos modelos que correspondem aos resultados e explosões, Gomis (2002:232), aponta aspectos que correspondem ao valor-notícia importante ao estabelecer que "as notícias importantes costumam ser resultados". Por outro lado, reconhece o destaque do outro elemento (interesse) na observação sobre os outros dois modelos (aparições e deslocamentos), que considera ter mais evidência que o primeiro, porque são facilitados pela existência de uma previsão, que favorece a cobertura.

Wolf (1987), a partir da referência construída por Galtung e Ruge (1993), usa quatro aspectos para determinar o que é importante para a escolha de uma notícia. O primeiro é o grau e nível hierárquico dos envolvidos, o qual vincula aos valores-notícia que são apresentados por Galtung e Ruge (1993) como relacionados aos países e pessoas de elite. O segundo é o impacto sobre a nação e o interesse nacional, considerada como a capacidade de influir ou incidir no interesse do país.

A base para Wolf (1987) é o estudo de Gans, entre 1967 e 1970, sobre conteúdo de revistas e redes de televisão dos Estados Unidos, no qual aponta a predominância de uma diferença de categoria entre os países, com a consideração do período pesquisado, entre o fim da década de 60 e o início da década de 70 do século XX, na cobertura feita pelos meios de comunicação norte-americanos:

> Nos Estados Unidos, predominam três categorias de países: os que estão mais próximos dos Estados Unidos ou os mais fortes entre os aliados da Nato [Organização do Tratado do Atlântico Norte]; os países do bloco Leste e os aliados mais poderosos da União Soviética; finalmente, os países não incluídos nas duas primeiras categorias e que só esporadicamente são cobertos. Estes constituem notícia apenas quando são teatros de acontecimentos insolitamente dramáticos como conflitos, golpes de estado ou grandes desastres (Gans *apud* Wolf, 1987:179)[3].

O terceiro grau que Wolf (1987) cita para destacar o valor-notícia importância é a quantidade de pessoas envolvidas em um acontecimento. Nesta consideração, o destaque é estabelecido pela valorização do fator proximidade, pelo qual um acontecimento que envolva um menor

[3]Gans, H. (1979:31) *apud* Wolf, M. (1987: 179).

número de pessoas, que tenha ocorrido mais próximo, será mais noticiável do que outro de um mesmo tipo, que tenha ocorrido mais distante. O princípio para esta definição é apresentado como uma lei, de circulação nas redações, elaborada por um jornalista inglês, McLurg: "A lei de McLurg é, exatamente, a codificação prática da complementaridade destes valores-notícia e estabelece uma escala graduada de noticiabilidade relativa para os desastres: um europeu equivale a 28 chineses, 2 mineiros galeses equivalem a 100 paquistaneses". (Wolf, 1987:81).

A referência à lei é corroborada por outros autores, como Santos (2001:96) e Correia (1997:114). No que é importante, desde sua origem, – conforme indicado e referendado por seu autor, que era inglês –, é a noção de que na perspectiva de um país que está na condição de protagonista dos fatos do mundo, aqueles considerados de menor importância no contexto geopolítico ou que ofereçam maior dificuldade para a cobertura estão em um nível diferente, que se evidenciará no espaço que as notícias ocuparão.

O quarto grau que Wolf (1987) relaciona para determinar a importância é a relevância e significatividade do acontecimento. Para ele, a interferência deste fator em relação a outros valores-notícia, mais específica do processo de elaboração e circulação da notícia, é mais significativa. A referência de Wolf (1987:181) é para as condições como a concorrência, no destaque que é dado a uma entrevista exclusiva, ou a um furo, assim como a qualidade de um recurso, como uma imagem. Ele ainda destaca outros aspectos, vinculados ao produto e às características técnicas, com a observação de que existe uma variação do valor-notícia importância, "associada a outros fatores de noticiabilidade".

O valor-notícia interesse tem outra conotação, para este autor. A consideração de Wolf (1987) é que o reconhecimento é feito através das notícias que procuram dar uma interpretação mais humana, com a busca dos fatos insólitos e de pequenas curiosidades. Outra vez com o apoio de Gans (*apud* Wolf, 1987:182)[4], ele faz uma relação que permite identificar acontecimentos que têm as características deste valor-notícia.

1. Histórias de gente comum que é encontrada em situações insólitas, ou de homens públicos surpreendidos no dia a dia da sua vida privada;

[4]Gans, H. (1979:156) *apud* Wolf, M. (1987:182).

2. Histórias que se verifica uma inversão de papéis;

3. Histórias de interesse humano;

4. Histórias de feitos excepcionais e heroicos.

A esta compreensão está relacionada uma ideia presente no processo de seleção das notícias, que é a dimensão que o assunto pode alcançar. Uma concepção manifestada pelo índice de audiência, que no caso do jornalismo da televisão está vinculada à natureza do veículo. A referência a esses aspectos, da noticiabilidade, na televisão, é o que trataremos a seguir.

1.3.1 Notícia e Noticiabilidade na Televisão

A determinação do que é notícia na televisão, está relacionada à compreensão sobre o conteúdo de um espaço específico da programação de uma emissora, para a veiculação de informação. A esta compreensão corresponde à definição do autor espanhol Torán (1982:10), para quem "o termo informação, aplicado aos programas de televisão se refere, principalmente, àqueles programas de televisão cujos conteúdos caem dentro da atividade jornalística, como os programas que são denominados pelos ingleses pela rubrica *factual news*".

O reconhecimento desta definição, porém, está condicionada à realização de um percurso, através do qual foram estabelecidas. Propomos assim, aproximações e distanciamentos em relação aos outros meios, em destaque o impresso. Esta é uma descrição que faz referência à trajetória realizada pelo pesquisador norte-americano Paul H. Weaver (1993), em um estudo em que analisou, nos Estados Unidos, as características da notícia em televisão em comparação com as publicadas nos jornais.

A conclusão dele é que existe uma evidente diferença, no caso da televisão, ainda que sejam constatadas características compartilhadas entre os dois meios de comunicação: "Apesar de muitas características partilhadas, os jornais e a televisão diferem em vários aspectos fundamentais e, por consequência, tendem a dar forma a percepções públicas e a opiniões de diferentes maneiras" (Weaver, 1993:295).

O percurso que Weaver (1993) fez permitiu determinar as semelhanças e diferenças entre os dois modelos, em relação aos meios de

comunicação indicados. Para ele, a análise sobre a notícia na televisão deve partir da variação dela como gênero do jornalismo, uma consideração observada por Ponte (2005:16): "Quando falamos assim de notícia, falamos em sentido lato, englobamos diversos registros discursivos do jornalismo: notícia, reportagem, entrevista, artigo, editorial".

A definição gênero no jornalismo é um assunto controverso, em consequência das distinções apresentadas em diversos estudos. Para uma melhor compreensão, uma referência é o trabalho de Seixas (2008). Neste estudo, utilizaremos à compreensão de Rezende (2000), do mesmo estudo identificado como referência para a coleta da amostra desta pesquisa que relaciona a noção de gênero a um modelo de jornalismo, o qual denomina de informativo. A partir da classificação elaborada por Melo (1985), ele distingue o jornalismo em dois modelos, em relação à televisão: o referido informativo e o opinativo.

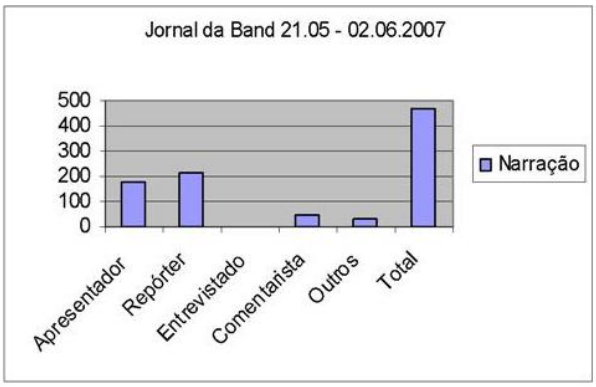
Rezende (2000:157) enquadra a referência à notícia na televisão a cinco formatos, listados como: nota, notícia, reportagem, entrevista e indicador. Para a noção de formato, a referência é a utilizada por Wolf (1987:188), que a define como "limites espaço-temporais que caracterizam o produto informativo".

Para Weaver (1993) as notícias na televisão e nos jornais têm semelhanças, que permitem compreender as diferenças, em decorrência das características dos meios de comunicação. A apresentação das semelhanças permite que Weaver (1993) identifique as diferenças entre as notícias na televisão e nos jornais.

As distinções apontadas estão relacionadas a aspectos como a organização do conteúdo informativo, seja de acordo com o todo, referente a uma edição, ou em relação a uma unidade noticiosa, determinada pela narrativa. Para ele, são diferenças justificadas pela estrutura de cada um dos meios de comunicação, que precisam ser compreendidas na dimensão em que eles atuam. "Esta diferença está associada ao fato de a televisão estar organizada no tempo, enquanto a edição do jornal está organizada apenas no espaço" (Weaver, 1993:297).

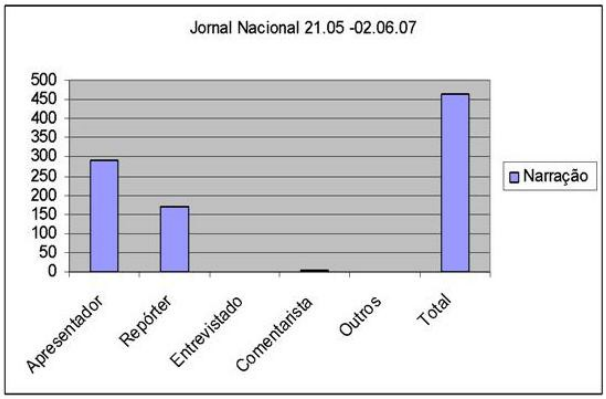
Para Weaver (1993), existe um aspecto a mais, que permite estabelecer a diferenciação entre a noticia na televisão e nos jornais, outra evidência, denominada de espetacularização. Para o autor, a televisão dá mais importância ao espetáculo, em relação à informação. É uma condição que não pode ser estabelecida como uma consequência, ape-

Gráfico 24 - Narração: Jornal da Band



Fonte: Pesquisa própria.

Gráfico 25 - Narração: Jornal Nacional



Fonte: Pesquisa própria.

A análise da forma de veiculação da notícia nos telejornais objetos desta pesquisa permitiu determinar que, os programas têm a estrutura vinculada a um padrão que está relacionado à veiculação da informação através de relatos, narrados por apresentadores, predominantemente, e repórteres. A opção representa a interferência das redações na elaboração dos programas, em busca de uma referência próxima ao público

de tal jeito, que, um dos telejornais analisados tinha o recurso da participação do espectador, o que implicou o estabelecimento de uma nova forma de narração.

A seguir, faremos a análise da relação do tempo de produção em relação ao conteúdo dos programas. A definição do tempo está vinculada à dimensão que a informação adquiriu na televisão brasileira, a partir da consolidação dos telejornais como integrantes da faixa definida como nobre da programação da televisão no Brasil.

3.2.4 O tempo dos telejornais

A análise do tempo nos telejornais que fazem parte da pesquisa realizada, relacionada aos Estados e Regiões incluídas no conteúdo dos programas, serve para reforçar a evidência destacada, em torno de outras referências observadas. A forma de consideração em relação ao tempo concedido observou, de maneira igual a utilização de outros elementos, como a reportagem, a nota coberta, a sonora e o ao vivo, incluído na categoria Outros.

O maior tempo de exibição de um local ocorreu com o *Jornal da Record*, com fatos de São Paulo (CD-ROM, planilha 2). Um total de 6.544 segundos, que é equivalente a 1h 48 minutos de exibição de assuntos, entre reportagens e notas cobertas. Esse número corresponde, estimativamente, a mais de três edições do programa, no conjunto de 12, entre os que compõem a base das gravações realizadas para esta pesquisa.

As referências a São Paulo, em relação ao tempo, só não é a mais destacada no *Jornal Nacional*, em comparação com o Distrito Federal – como ocorreu na variável sobre a forma. O tempo total de São Paulo no programa foi de 41m58 segundos, abaixo do de Brasília que atingiu 1h35 segundos. No caso dos dois locais, o tempo atingido corresponde à veiculação de reportagens, notas cobertas e ao vivo, com o acréscimo de duas sonoras relacionadas à Brasília, uma delas um pronunciamento do senador José Sarney, com críticas ao Governo da Venezuela, em uma sessão do Congresso Nacional.

O conjunto das edições dos programas que fazem parte desta análise registra o máximo de 16 citações de unidades federativas do país, no caso do *Jornal da Band*, e sete, como ocorreu com o *Jornal da Cultura*.

O destaque é absoluto para São Paulo e o Distrito Federal, de tal forma que a soma do tempo concedido aos outros, o Rio de Janeiro incluído, não superaria o total alcançado pelas duas localidades.

O *Jornal da Cultura* registrou uma particularidade. Além de São Paulo e o Distrito Federal, apenas Sergipe teve uma informação veiculada como reportagem, um total de 1m53 segundos. Os outros registros foram de notas cobertas, da mesma forma que as informações sobre fatos da Ásia, América e Europa. A opção denota uma característica do telejornal exibido pela TV Cultura, com menos recursos que as outras emissoras e dependentes de uma rede pequena, sem a estrutura das comerciais.

Os estados de menor participação têm a quantidade de registros em relação a eles nas notas cobertas, exceto situações como a de Santa Catarina, por causa de onda de frio no Sul do estado, como observado. Apesar desta circunstância, no caso do *Jornal da Band* a referência foi apenas através das notas cobertas, com um tempo de 1m19 segundos. Para efeito de comparação, no *Jornal da Record* o total foi de 13m22 segundos, mas com a observação de que em torno de três minutos correspondeu a uma reportagem sobre atletas que disputariam os Jogos Pan-Americanos, que incluiu o Paraná.

A avaliação do tempo dedicado corresponde à mesma consideração sobre as outras variáveis. Os telejornais analisados refletem um método de produção e fechamento que privilegia os centros que são mais destacados do país. Uma situação que é evidenciada nos programas, apesar da disposição de um maior tempo de produção, como esta pesquisa constatou.

A presença dos programas de informação na grade das emissoras de televisão é uma estratégia em busca da credibilidade representada pela veiculação dos telejornais. Uma referência à história e desenvolvimento deste meio de comunicação no Brasil demonstra como os telejornais foram importantes para a consolidação de um modelo, baseado na horizontalidade. A valorização dos programas que compõem a amostra analisada é determinada pela importância que tem a audiência na faixa de 19h e às 22h (Mídia Dados, 2007).

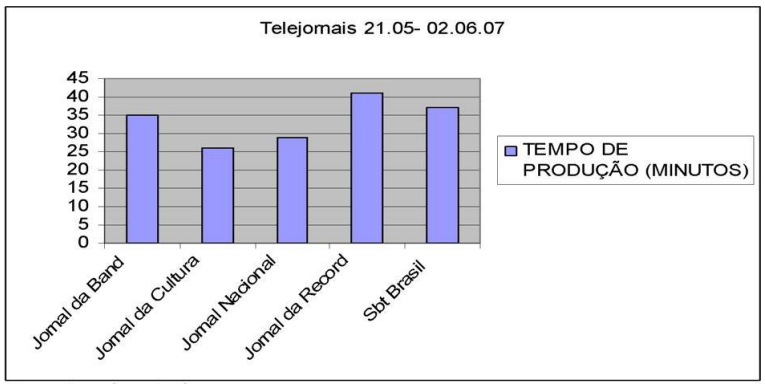
A audiência tem reflexo sobre o custo do intervalo dos telejornais, no caso das emissoras classificadas como comerciais, grupo do qual não faz parte apenas a TV Cultura, entre as exibidoras dos programas

selecionados. Venceslau e Naldoni (2005:17) registraram que o custo de 30 segundos do intervalo, para todo o país, era de R$ 40,1 mil, referente ao *Jornal da Band*, e R$ 268 mil, no *Jornal Nacional*.

A valorização gera um paradoxo em relação ao tempo de produção dos telejornais que foram analisados (Gráfico 26). Do total da amostra de 60 edições, apenas no caso do *Jornal da Cultura* houve o registro de uma, a de 23 de maio de 2007 atingiu a marca de 30m29 segundos – superior ao limite de duração que é considerado padrão, como atesta Squirra (1993:50), de 23 minutos, assimilado pelas emissoras brasileiras. Uma prática que corresponde à adotada nos Estados Unidos para a exibição dos programas de informação pelas redes de televisão do país.

A análise do tempo, que é utilizado pelos telejornais analisados, exibidos por cinco redes de televisão brasileiras, demonstra que esta é uma concepção superada no Brasil. No caso do *Jornal da Cultura*, ela ocorreu em apenas duas edições, de 26 de maio e 2 de agosto de 2007, com o tempo, respectivamente, de 22m51 segundos e 20m51 segundos. A edição do programa no dia 25 de maio de 2007 ultrapassou o que seria considerado como limite em sete segundos, com um total de 23m07 segundos.

Gráfico 26 - Tempo de produção



Fonte: Pesquisa própria.

Em relação aos outros programas, em todas as edições o limite de tempo, definido como de produção, foi superado. O paradoxo citado

antes é uma decorrência que o tempo tem para a televisão, assim como a valorização do espaço. A utilização da maneira descrita permite constatar que as emissoras de televisão usam a credibilidade que é conferida pelos programas de informação para reforçar sua audiência da programação, em um momento de disputa, como destacaram Borelli e Priolli (2000).

Apesar de que, obviamente, os modelos de negócios das emissoras de televisão privadas estejam assentados na inclusão de publicidade, esta é vista "como um momento de quebra da programação do canal", observou Hernandes (2006:130). Para este autor, uma das tentativas feitas pelas emissoras é a prática adotada pelo *Jornal Nacional*, que não tem a exibição de comerciais entre o fim da novela que o antecede e o começo do telejornal.

Uma escolha, que coloca o jornalismo na televisão brasileira como parte de um processo que está relacionado à disputa pela audiência. As emissoras para manter a importância de um programa que está relacionado ao estabelecimento de uma aura de prestígio e reconhecimento preferem conviver com a perda de um tempo, precioso na contabilidade dos lucros, mas compensado na tentativa de ser a referência para a compreensão dos fatos transcorridos em torno dos espectadores – no Brasil e no mundo.

A análise dos diversos aspectos dos cinco telejornais, exibidos por emissoras de televisão brasileira, vinculados às redes, permitiu estabelecer uma compreensão sobre a representação do Brasil, através dos programas. Após a finalização desta fase, buscaremos a seguir apresentar algumas conclusões, com o estabelecimento de uma discussão a partir das indicações obtidas por esta análise de resultados, tendo em vista os objetivos propostos para este trabalho.

Conclusões

No desenvolvimento desta pesquisa, a evidência mais destacada é que o jornalismo é um trabalho realizado em torno de uma concepção baseada no entendimento dos seus profissionais, a partir da atuação deles na tarefa diária para a definição dos que são os assuntos mais merecedores de divulgação. Ela pode ser distinguida a partir da diferenciação estabelecida sobre a forma de participação do jornalista para esta definição. A este processo estão relacionadas às tendências que condicionam a referência à informação, vinculada, basicamente, a duas concepções. Uma, a que estabelece que a notícia reflete a realidade como um espelho. A outra, que a compreende como o processo de construção da citada realidade.

A partir do ponto de partida desta dissertação, estabelecemos, inicialmente, uma compreensão sobre a função da notícia no jornalismo, que possa ser reconhecida na televisão, por meio dos programas de informação. Esta pesquisa parte da hipótese principal, de que os telejornais que fazem parte da análise têm modos particulares de operacionalização de categorias como notícia e noticiabilidade, que em última análise não produzem uma representação do país, compatível com a sua dimensão e diversidade. É uma decorrência da valorização de regiões específicas na divulgação dos assuntos. Vimos que a definição sobre o que é notícia ganhou uma referência importante para a sua compreensão e estudo a partir da década de 70 do século passado, por meio das pesquisas sobre a participação a atuação dos jornalistas neste processo, denominada *newsmaking*. Uma compreensão acrescida pelo reconhecimento da influência dos aspectos que interferem no processo de seleção, determinados através de uma rotina, estabelecidos como critérios de noticiabilidade. Em função do estudo em questão, apresentado aqui em forma de conclusão, a definição da função da notícia e o processo desenvolvido, têm conotações que precisam ser destacadas, em relação a três aspectos.

O primeiro está determinado pelas considerações, a partir das semelhanças e diferenças entre a notícia veiculada através do jornal e a que a feita através da televisão. As semelhanças estão relacionadas à natureza dos meios de comunicação, que têm como uma das funções a veiculação

de informação, demarcada por condições estabelecidas pelo jornalismo, através do estabelecimento de um campo específico.

A definição como um campo estabelece a noção de que o jornalismo pode ser uma atividade voltada para o lucro, desenvolvido por empresas, diferente da compreensão de servir a fins políticos, de formação de consciência.

A parte que trata das diferenças, são determinadas pelo funcionamento da televisão, um meio de comunicação marcado pela constituição da linguagem através da interferência dos recursos de ordem espacial e temporal, uma consequência do uso da imagem. A imagem estabelece uma predominância, na televisão, da informação que está relacionada a espetacularização, valorizada pela transformação determinada pela tecnologia, em relação aos equipamentos.

O segundo aspecto, em relação à natureza da notícia na televisão, está relacionado à importância adquirida por este meio de comunicação. A televisão, a partir da sua implantação, no século passado, ganhou, progressivamente, destaque na veiculação de informação. A influência mais marcante é o padrão adotado pelos Estados Unidos, destacado na década de 60 do último século, quando houve a implantação do formato de programas de jornalismo com 30 minutos de duração. A dimensão atingida pela veiculação de notícia, através da televisão, foi aumentada com o surgimento dos canais *all news*, que fazem a transmissão de informação por 24 horas, em diversos idiomas e países do mundo.

A referência à notícia na televisão tem como terceiro aspecto o entendimento do papel que desempenha no Brasil, demarcado pela inauguração da primeira emissora, em 18 de setembro de 1950. O jornalismo fez parte da programação da emissora pioneira, a PRF-3 Difusora, depois transformada em Tupi, base para a formação de uma rede de televisão, praticamente desde a estréia.

A valorização da participação na programação, reconhecida como um aspecto da credibilidade necessária para uma emissora, transformou os programas de informação em elementos importantes da grade. Desde o sucesso de *O Repórter Esso*, considerado o primeiro telejornal regular, o jornalismo é utilizado na programação das emissoras, como uma alternativa na disputa pela audiência.

O estágio atual, de reconhecimento da informação através da televisão como a principal forma de acesso da população brasileira, em

função da abrangência e audiência, é decorrente da implantação de um sistema de telecomunicações, que permitiu a centralização da produção e exibição dos programas, em um determinado ponto do país. O marco é a estreia do *Jornal Nacional*. No contexto desta pesquisa, este momento define a constituição de um padrão de elaboração dos telejornais, sem o estabelecimento de uma referência sobre a dimensão da informação que é veiculada.

Em torno desta compreensão, a finalidade desta investigação esteve relacionada a metas como o entendimento sobre o processo de seleção e produção, com a análise da rotina produtiva. A mesma referência à análise da rotina estava proposta em função do processo para a seleção de notícias. E, por fim, buscou-se a relação entre a região da qual a informação é proveniente e a forma utilizada para veiculação.

A compreensão sobre a representação do que é a notícia exibida pelos telejornais das redes de televisão brasileiras, analisada neste trabalho, permite constatar, inicialmente, que uma noção estabelecida na hipótese desta pesquisa faz parte do conteúdo dos programas. Ao ser feita a verificação sobre a origem dos assuntos, a predominância de regiões, como ocorre com a Sudeste, através de dois Estados, São Paulo e Rio de Janeiro, e a do Centro-Oeste, em função do Distrito Federal, permite o estabelecimento de uma noção, através da qual é determinada a visão sobre o que é o Brasil mostrado nos programas de informação analisados.

O país está construído, através da predominância destacada, a partir de questões em torno dos temas relacionados a aspectos de noticiabilidade, vinculados a assuntos que tratam de Governo, justiça, polêmica e conflito.

O conteúdo dos telejornais, de alguma forma, reproduz uma concepção decorrente da influência da matriz norte-americana no jornalismo da televisão brasileira, e do país de um modo geral. Uma situação identificada na realização dos programas como a mesma característica, assimilada no Brasil, dos programas realizados nos Estados Unidos.

A análise evidencia que o modelo ainda adotado pelas redes, para a produção dos programas, decorre de um padrão assimilado pelos profissionais do jornalismo, a partir da exibição destes telejornais. Ele corresponde à mesma estratégia adotada pelos jornalistas pioneiros na produção destes telejornais, com a estreia do *Jornal Nacional*.

Esta consideração mereceria uma observação mais ampla, a partir da análise, por exemplo, do conteúdo dos jornais impressos, apontados como de circulação nacional. A importância é que ela serve para destacar, mais ainda, que a prática adotada pelos jornalistas em atuação na televisão estabelece uma referência do jornalismo brasileiro.

Ela corresponde a um aspecto da cultura da profissão, que não permite reconhecer importância em assuntos que não façam parte da rede estendida, a partir da estrutura das empresas, para a busca dos fatos. Na conjuntura atual, com o crescimento da Internet como mídia, a mesma prática é verificada em portais de informação, mantidos pelos grandes grupos de comunicação, que estabelecem uma distinção entre os assuntos dos principais pontos do país e os que são considerados abaixo, na apresentação do conteúdo.

A noção está destacada na análise. A lógica é que os assuntos que ocorrem nos principais centros, em relação a suas importâncias política e econômica, servem de referência para todo o público, complementados com os acontecimentos de outras regiões, presentes em funções de características inusitadas ou incomuns.

Neste trabalho ficou evidente uma caracterização adotada pelo jornalismo da televisão norte-americana, em relação aos assuntos relacionados aos acontecimentos do mundo, a partir da perspectiva dos Estados Unidos. Ela era definida pela referência a uma diferenciação dos países em três categorias.

A primeira, formada pelos países que eram aliados dos norte-americanos, no período da Guerra Fria, iniciado após a Segunda Guerra Mundial e encerrado com a queda do Muro de Berlim, em 1989. A segunda, destacada pela presença dos países ligados a União Soviética. A terceira estava relacionada aos países fora de qualquer referência entre os dois grupos, os quais tinham destaques quando os assuntos estavam relacionados a "distorções", que representariam fatos evidenciados por acontecimentos como desvios e exceções.

Esta perspectiva serviu para enquadrar o tratamento dedicado pelos telejornais brasileiros, no período analisado, às diversas regiões e estados do país. A verificação dos dados obtidos permite a constatação de que existe uma divisão em relação aos fatos, de tal forma que a diferença em relação ao conteúdo do que é divulgado de cada um, entre os menos destacados, não supera em nenhuma circunstância os que são

identificados como os mais importantes, qualquer que seja a variável observada.

Os exemplos destacados relacionam a ideia de que existe uma hierarquia para a notícia. A impressão estabelecida é que a visão do Brasil apresentada através da informação, da mesma forma que reconhece uma importância política e econômica no tratamento dos fatos, estabelece uma ordem. A forma de divulgação da informação está relacionada ao peso que têm um estado ou região. Uma escala de valores que determina a prioridade para os acontecimentos, em função do local em que transcorreram. O reflexo de uma concepção que está presidida por uma determinação que estabelece a escolha a partir de um paradigma, que determina a importância de todo acontecimento ocorrido, principalmente, em São Paulo – o destacado palco da briga pela audiência, mantida pelas redes de televisão, percebida no País.

O processo tem semelhança, em relação à localização dos assuntos, quando a questão é deslocada para a avaliação das informações provenientes do exterior. Apesar da existência de uma estrutura mais ampla, para a realização da cobertura dos fatos internacionais, o destaque é concedido para os países em torno dos quais o Brasil está na área de influência. A cobertura ainda mantém características da primeira fase da atuação dos correspondentes brasileiros internacionais, com a repetição de procedimentos sobre a referência a lugares, sem que tivesse havido o deslocamento do repórter para a realização da cobertura.

Os programas de informação, exibidos pelas redes de televisão brasileiras, mesmo com a valorização de novas alternativas, permitidas pela tecnologia, ainda dependem das agências de notícias internacionais, para uma tentativa de cobertura dos acontecimentos internacionais. Através das informações recebidas delas é que o mundo é mostrado ao país, mesmo que exista a utilização de uma estrutura mais ampla, com a presença de correspondentes brasileiros espalhados por países de diversos continentes.

Em relação à observação sobre as notícias internacionais,o que deve ser destacado é que este tipo de informação tem uma característica de resumo, da mesma forma que pode acontecer com acontecimentos transcorridos no país. A intenção ao fazer a divulgação é sempre remeter à ideia de que os telejornais apresentam uma cobertura a mais ampla

possível dos fatos mais importantes, o que ocorre com a adequação a uma forma que tem o apresentador como narrador.

O trabalho realizado pelos repórteres, em qualquer parte do Brasil e do mundo, é controlado pelas redações dos telejornais. Uma primeira evidência desta condição é o destaque da participação dos apresentadores como narradores, em relação aos repórteres e opções alternativas – como os comentaristas e entrevistados.

A maior presença do apresentador é uma decorrência da influência da redação, no controle da realização dos programas. A definição sobre o formato faz estabelecer a predominância de uma forma de exibição da notícia, por meio da qual é destacada, em algumas circunstâncias observadas, uma menor utilização da reportagem. Ela ocorre, principalmente, quando a informação é referente aos locais estabelecidos como de menor importância, em termos da ocorrência dos fatos.

Analisada por esta concepção, a participação dos apresentadores representa um protagonismo, estabelecido a partir do reconhecimento no Brasil da importância da atuação como *anchorman*, outra inspiração do jornalismo da televisão norte-americana. Uma maior participação dos apresentadores, em relação à divulgação do conteúdo dos telejornais. Um destaque, na condução e direção dos programas, que reduziu, sem que esta questão tenha sido verificada, a valorização que era concedida ao papel do repórter, a ponto de surgir uma categoria especial – denominada de rede, relacionada aos que tinham o mérito de participar da elaboração das reportagens para os telejornais do horário nobre.

A forma de apresentação da notícia, em relação aos telejornais analisados, evidenciou um aspecto, em que as emissoras buscam alternativas com a utilização dos recursos disponíveis. Em um dos casos, ocorreu a transformação dos entrevistadores em narradores, com a participação deles em uma seção específica. A tentativa de maior participação do público faz remeter a uma busca de interatividade, em um instante de transformação do sistema de transmissão da televisão no Brasil, a partir da implantação do sinal digital.

A análise dos programas demonstrou que a participação do entrevistado, como o responsável pela condução do relato, ocorreu apenas quando havia uma relação de destaque, uma condição em que a importância da função desempenhada permitia a referência ao assunto

tratado. Nesta circunstância, o tipo de condução adotado valoriza a importância do entrevistado, o grau como fonte de informação.

A busca da constituição de uma tipologia, que caracteriza a informação que estabelece a imagem do Brasil, através dos programas de informação, exibidos no horário nobre, permite uma consideração. A ideia é de uma notícia caracterizada pela valorização de acontecimentos, que influenciados pela importância que têm os fatos que fazem referência à atuação dos Poderes constituídos, em geral ocorridos nas principais regiões. A presença de assuntos definidos por uma perspectiva diferente, está relacionada aos fatos que representem uma alteração da normalidade, uma ruptura.

Por último, em relação à análise dos programas selecionados, a observação de uma questão destacada, sobre o tempo de produção dos telejornais. A partir da implantação do modelo atual, que completa 40 anos, tem sido verificado um crescente aumento do que é correspondente ao tempo na grade de programação das emissoras. O crescimento surgiu como uma decorrência, determinada pela valorização alcançada pelos programas. Um reflexo da integração deles como elementos de uma estratégia, que está baseada no destaque que é concedido à faixa definida como nobre.

A valorização, porém, refletiu uma transformação, que determina a alteração de uma concepção reconhecida, sem que tivesse sido feita uma verificação, sobre o padrão de programas com 30 minutos de duração. Sem que possa determinar a razão, a partir dos objetivos estabelecidos com este trabalho, uma hipótese, a partir do reconhecimento da participação que os programas de informação têm na disputa que as emissoras promovem pela audiência, é que o maior espaço alcançado por eles na programação reflete a utilização do jornalismo para a conquista do público.

Uma condição, que permite esta observação, é a tentativa desenvolvida por redes de emissoras em torno da implantação de telejornais, principalmente na faixa nobre. Outra é a tentativa feita de adequação do horário, no espaço da faixa, de maneira a aproveitar a audiência gerada pelos programas de informação, inclusive com sua utilização para a divulgação da grade da emissora, principalmente a que está relacionada ao jornalismo.

A realização de um trabalho, como esta dissertação, nem sempre

corresponde ao roteiro traçado, inicialmente e, certamente, várias são as lacunas percebidas no fim do percurso. Neste caso, este momento de conclusão, permite, com relação à busca dos objetivos propostos, uma constatação evidente: o tipo de análise realizada apresentaria melhores resultados a partir de uma referência metodológica, como a etnografia participante. Uma chave, certamente, para a melhor compreensão do funcionamento das redações, os procedimentos adotados para a escolha dos assuntos, poderia ser a avaliação feita durante a realização do processo. Mesmo com a experiência, da atuação como jornalista, de ter acompanhado situações que correspondem à observada, é uma consideração que merece ser feita, com a expectativa de resultados mais amplos que os registrados, em ocasião futura.

Para finalizar, fica o estabelecido que a busca da representação do Brasil, através dos telejornais de cinco redes de emissoras, demonstra a existência de um país que não é mostrado ao público, em função do condicionamento estabelecido no processo de produção e realização dos programas, estabelecido a partir da implantação do modelo de programa de informação ainda vigente. Após 40 anos da estréia do *Jornal Nacional*, a referência sobre o conteúdo está marcada por uma compreensão que tem como orientação princípios que foram estabelecidos no século XIX, no instante de transformação do jornalismo ocidental, com o surgimento da *penny press*.

A abrangência da televisão transferiu para o meio de comunicação, surgido mais de um século depois, a disputa em torno de maior alcance, uma referência aos inventos tecnológicos que permitiram ampliar a área atingida pelos jornais, e interesse, verificada agora pela audiência. O que é destacado como informação deve corresponder a fatos que representam para o público mais do que a compreensão sobre acontecimentos em torno do cotidiano. Eles precisam ser uma alternativa para a garantia de uma audiência, que tenha reflexos sobre a lucratividade.

A compreensão sobre a representação do Brasil, determinada pela predominância de lugares, muitas vezes distantes de quem ver, demonstra que na televisão eles são uma referência imaginária. Afastada das pessoas, porque a realidade delas não é vista nos programas que assistem, os programas de informação exibidos pelas redes de televisão brasileiras, analisados neste trabalho, refletem sua própria localização. São o fruto de uma televisão, apresentada como nacional, mas que sem-

pre esteve voltada para a valorização de uma noção de Brasil longe das diversas regiões que formam o país: o Brasil do horário nobre.

Referências bibliográficas

Abramo, C.(1988). *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Abreu,J. (2000). *As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil: (1965-1979)*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro, Mauad.

Adghirni, Z.(2005).O Jornalista: do mito ao mercado. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Insular, v.2, no. 1, p. 45-57 jul.

Aguiar, F.(2008). Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In A.Martins, T. Luca (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 233-249.

Aguillera, M.(1985). *El telediário: un proceso informativo. Análisis e historia*. Barcelona, Espanha: Editorial Mitre.

Almeida,A.(1993). *Mídia eletrônica: seu controle nos EUA e Brasil*. Rio de Janeiro: Forense.

Almeida,C. (1988). *Uma nova ordem audiovisual*. São Paulo: Summus.

Alsina, M. (1993). La construcción de la noticia. 2ª. ed. Barcelona: Paidós.

Alves, V.(2008). *Tv Tupi: uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Amaral, L.(1978) *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro; Brasília: Tempo Brasileiro; INL.

Amaral, L. (1996). *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra; DC Luzzatto.

Amaral, L.(2006). Assessoria de Imprensa nos Estados Unidos. In J. Duarte (Org.) *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, pp. 52-64.

Andrade, J. (2002) . O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

Angrimani, D., Sobrinho (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.

Armes, R.(1999). *On Vídeo*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Summus.

Arnett, P.(1996). *Ao vivo do campo de batalha: do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo*. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco.

Bahia, J.(1990). Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira. 4ª ed. São Paulo: Ática, volume 1.

Barcellos, C.(1994). Repórter: profissão perigo. In S. Kaplan., S. Rezende (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, pp. 17-31.

Barros, A., Junqueira, R.(2005) A elaboração do projeto de pesquisa. In J. Duarte.,A. Barros (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisas em Comunicação*. São Paulo: Atlas, pp. 32-50.

Barros, C., Filho. (2003). *A ética na comunicação*. 4ª. Ed. São Paulo: Summus.

Becker, B.(2005). *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: E-Pappers Serviços Editoriais.

Becker, B.(2007). Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais. *Estudos em Comunicação*. Publicação do Labcom (Online Comunication Lab). Universidade da Beira Interior, no. 1, p. 161-167, abr.

Berger, P., Luckmann, T.(1985). *A construção social da realidade* (F. Fernandes, Trad.). 9ª. ed.Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Bertini, A.(2008). *Economia da cultura: a indústria do entretenimento e o audiovisual no Brasil*. São Paulo: Saraiva.

Bistane, L., Bacellar, L.(2005). *Jornalismo de TV*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto.

Bittencourt, L. (1993). *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Borelli, S., Priolli, G. (Coords.).(2000). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus.

Bourdieu, P.(1997). *Sobre a televisão* (M.Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Brasil,A.(2002). *Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna.

Bresser, D.(1995) Do tédio ao pânico. *Revista Imprensa*. São Paulo: Imprensa Editorial Ltda, p. 20-29, *out*.

Bucci, E.(2008). *Em Brasília, 19 horas: a guerra entre a chapa-branca e o direito à informação no primeiro governo Lula*. Rio de Janeiro: Record.

Capparelli, S. (1982). *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM.

Capparelli, S.(1985). *Comunicação de Massa sem Massa*. São Paulo: Summus

Casetti, F., Chio, F.(1999). *Análisis de la Televisión: instrumentos, métodos e prácticas de investigación* (C. Zalduendo, Trad.). Paidós: Barcelona.

Carvalho, E. (1979-1980). Telejornalismo: A Década do Jornal da Tranquilidade. *Anos 70: Televisão*. Rio de Janeiro: Europa, vol 5, pp. 31-46.

Carvalho, M.(1982) A notícia vira estrela. *TV Folha*, São Paulo, p 5-7, 31 mai.

Castagni, N.(1987). Gutenberg: a maravilhosa invenção. In G. Giovannini. *Evolução na Comunicação: do silex ao silício* (W. Freitas., e R.Carvalho, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 87-139.

Casoy, B.(1994). O carisma do âncora. In S. Kaplan., S. Rezende (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, pp. 33-41.

Castilho, C.(2005). Webjornalismo: o que é notícia no mundo online. In E.Rodrigues (Org.). *No próximo bloco...: O jornalismo brasileiro na TV e na Internet*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, pp. 231-256.

Cesareo, G.(1986). *Es Noticia* (A. Espinet, Trad.). Barcelona, España: Editorial Mitre.

Chaparro, M.(2006). Cem anos de assessoria de imprensa In J. Duarte (Org.) *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia*. 2ª. Ed. São Paulo: Atlas, pp. 33-51.

Clark, W.,Priolli, G.(1991). *O campeão de audiência*. São Paulo: Editora Best Seller.

Cronkite, W.(1998). *Repórter: as memórias do maior âncora da TV americana* (M.Vilela, Trad.). São Paulo: DBA.

Constituição Federal do Brasil.(2008). Editora Escala: São Paulo.

Conti, M.(1999). *Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras.

Correia, F.(1997) *Os jornalistas e as notícias*. 3ª.ed., Lisboa: Editorial Caminho.

Coutinho, I.(2008). Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In A. Vizeu (0rg.). *A Sociedade do Telejornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes,pp. 91-106.

Cruz, D.(1996). *Televisão e negócio: a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Curado, O.(2002). *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro.

Defleur, M., Ball-Rokeach, S. (1993). *Teorias da Comunicação de Massa* (O.Velho, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Duarte, L.(1996) *É pagar para ver: a TV por assinatura em foco*. São Paulo: Summus.

Erbolato, M.(2006). *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 5ª. Edição. São Paulo: Ática.

Esquenazi, R.(1993). *No túnel do tempo: uma memória afetiva da TV brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Esteves, F.(1990). *Desculpem a nossa falha*. Rio de Janeiro: Record, 1990. 272 p.

Ferrari, P.(2004). *Jornalismo Digital*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto.

Ferreira, G.(2002). Apontamentos sobre a propriedade do campo jornalístico. *Pauta Geral*: revista de jornalismo. Salvador: Calandra, Ano 9, no. 4, p. 243-258.

Ferreira,M.(1996) A reforma do Jornal do Brasil. In A.Abreu (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, pp. 141-155.

Fonseca, Wilson., Júnior.Análise de Conteúdo. In J.Duarte.,A. Barros (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 280-304.

Fontcuberta,M.(1981). *Estructura de la Noticia Periodística*. 2ª. ed., Barcelona: A.T.E.

Fontcuberta, M.(1999). *A notícia: pistas para compreender o mundo* (F. Cascais, Trad.). Lisboa: Editorial Notícias.

Franco, M.(2007). *Análise de Conteúdo*. Brasília, 2ª. ed.: Líber Livro Editora.

Galtung, J., Ruge, M.(1993). A estrutura do noticiário estrangeiro. In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias. Lisboa*, Portugal: Vega,pp. 61-72.

Gaspari, E .(2002). *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gaspari, E.(2004). *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras.

Genr , A., Filho.(1989). *O segredo da pirâmide*. Porto Alegre: Ortiz, 2ª. ed.,

Ghivelder, Z.(1994). Telejornal em rede. (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,pp. 149-160.

Gomis, L. (1991). *Teoria del Periodismo: como se forma el presente*. Barcelona: Paidós.

Gomis, L.(2002).Do importante ao interessante: ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. *Pauta Geral*: revista de jornalismo. Salvador: Calandra, Ano 9, no. 4, pp. 225-242.

Gurevitch, M., Blumer, J.(1993). A construção do noticiário eleitoral: um estudo de observação na BBC. In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Vega, pp. 177-190..

Hernandes, N.(2006). *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto.

Henning, H.(1996). *Via Satélite*. São Paulo: Globo.

Herscovitz, H.(2007). Análise de conteúdo em jornalismo. In C. Lago, M. Benetti. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp.123-142.

Hester, A.(1980). As agências noticiosas ocidentais: problemas e oportunidades nas notícias internacionais. In F. Matta (Org.). *A informação na nova ordem internacional* (P.Kramer ., S.Sarti, Trad.) . Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 73-96.

Herz, D. (1987). *A História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê.

Hohlfeldt, A.(2001). Hipóteses Contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. In A.Hohlfeldt, L. Mariano & V.França. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 187-240.

Jambeiro, O.(2001). *A Tv no Brasil no Século XX*. Salvador: EDUFBA.

Jespers, J.J.(1998). *Jornalismo Televisivo* (R. Amaral, Trad.). Coimbra, Portugal: Minerva.

Jordão,F.(1979). *O dossiê Herzog*. São Paulo: Global Editoral.

Jorge,T.(2007). *A notícia em mutação, estudo sobre o relato noticioso no Jornalismo Digital*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília,Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Juiz federal acusa a PF de vazar informações.(2007). *A Tarde*. Salvador, p. 16, 25 mai.

Kaplan, S., Rezende, S.(1994). *Jornalismo eletrônico ao vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Kientz, A.(1973). *Comunicação de Massa: análise de conteúdo* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Eldorado.

Kovach, B., Rosenstiel, T.(2003). *Os elementos do jornalismo* (W. Dupont, Trad.). São Paulo: Geração Editorial.

Kucinski, B.(1991). *Jornalistas e Revolucionários*. São Paulo: Editora Página Aberta.

Kunczik, M.(1997). *Conceitos de Jornalismo: norte e sul* (R. Varela Jr, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Lage, N. (1979). *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Lage, N.(2005). *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Laurenza, A.(2008). Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In A. Martins.,T.Luca (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 179-205.

Leal Filho, L.(1997). *A melhor TV do mundo*. São Paulo: Summus.

Lima, F. (1995).Nossas câmeras são os seus olhos. *Televisão & Vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,pp. 8-18.

Lima, F.(2007). *Nossas câmeras são seus olhos*. Rio de Janeiro: E-diouro.

Lima, J.(2004). A guerra atrás das câmeras. *Veja*: São Paulo, ano 37, no. 35, pp. 100-108, 1º. set.

Lima, V.(2006). *Mídia: crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Lopes, F.(1999). *O telejornal e o serviço público*. Coimbra, Portugal: Minerva Editora.

Lubisco, N., Vieira, S.(2003). *Manual de estilo acadêmico* (Ed. rev.) 2ª. ed.Salvador: EDUFBA.

Machado, A.(2000). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

Machado, E.(2005). O pioneirismo de Robert Park na pesquisa em Jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Insular, v.2, no. 1, p. 23-34 jul.

Maior, M.(2006). *Almanaque da Globo*. São Paulo: Globo.

Manual de Jornalismo Público.(2003). São Paulo: TV Cultura, versão fotocopiada.

Marcondes, Ciro., Filho.(2000). *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores.

Marconi, P.(1980) *A censura política na imprensa brasileira* (1968-1978). 2ª ed. São Paulo: Global.

Markun, P.(2005). *Meu amigo Vlado*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Marona, M.(2006). O JN quer retomar a rotina. De ônibus. *Blog do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 2006. Recuperado em: www.jbblog.com.br/mariomarona.php. Acesso em: 27 jun. 2007.

Marshall, L.(2003). *O Jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus.

Marthe, M.(2006). O clone anão. *Veja*: São Paulo, ano 39, edição 1945, p.102-103, 1º. mar.

Martins, A., Luca, T.(2008). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Mattelart, M., Mattelart, A.(1989). *O Carnaval das Imagens: a ficção na TV* (S.Calazans, Trad.).Ed. rev. São Paulo: Brasiliense.

Mattos, S.. (1990). *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de História – 1950/1990*. Salvador: ABAP/A Tarde.

Mattos, S.(2000). *A Televisão no Brasil: 50 Anos de História (1950-2000)*. Salvador, Bahia: Ed.PAS – Edições Ianamá.

Mazzarollo, J.(2001). *O Lead no Telejornalismo, no caso do NETV2a*. Edição. Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado).

Medina, C. (1978). *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Alfa-Ômega.

Medina, C.(1982) *Profissão Jornalista: Responsabilidade Social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Meditsch, E.(1992). *O Conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Melo, J. (1985). *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Melo, J.(2006). *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Summus.

Memória Globo.(2004). Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Mendes, L.(1997). *Crônicas de Manhattan: crônicas da Big Apple*. Rio de Janeiro: Campus.

Mídia Dados 2007.(2007). *Mapa da Mídia*. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo.

Mira, M.(s/d). *O Circo Eletrônico: Sílvio Santos e o SBT*. São Paulo: Edições Loyola e Editora Olho D'Água.

Molotch, H., Lester, M.(1993) As Notícias como Procedimento Intencional: Acerca do uso Estratégico dos Acontecimentos de Rotina, Acidentes e Escândalos In N. Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Vega, pp. 34-51.

Morais, F.(1994). *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Morel, M.(2008). Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In A. Martins., T.Luca (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 23-43.

Motter, P.(1994). O Uso Político das Concessões das Emissoras de Rádio e Televisão no Governo Sarney. *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, vol. I, nº 1, p. 89-115, ago./nov.

Moya,A.(2004). *Glória in Excelsior: ascensão, apogeu e queda do maior sucesso da televisão brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Muito além do "boa noite".(2005). *Negócios da Comunicação*. São Paulo: Editora Segmento, ano III, no. 15, pp.28-36.

Musburger, R.(2008). *Roteiro para mídia eletrônica* (N. Gerhardt, Trad.). Rio de Janeiro: Elsevier.

Nassif, L.(2003). *O jornalismo dos anos 90*. São Paulo: Futura.

Netto, A.(1988). *O Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina.

Neveu,E.(2006). *Sociologia do jornalismo* (D.Dariano). São Paulo: Edições Loyola.

O âncora chega à TV comercial no Brasil. (1988). *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Televisão, D-1, 31 jul.

Ortiz, R.(1989). *A Moderna Tradição Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Passarinho, S.(19940 A Paixão da Reportagem. In S. Kaplan., S. Rezende (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,pp. 83-94.

Paternostro, V. (1999). *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus.

Paternostro, V.(Coord.).(2006). *Globo News: 10 anos, 24 horas no ar*. São Paulo: Globo.

Pena, F.(2005). *Teorias do Jornalismo*. São Paulo: Contexto.

Pereira, A.(2006). Jornalismo Político Contemporâneo. In R. Seabra., V.Sousa (Orgs.). *Jornalismo político: teoria, história e técnicas*. Rio de Janeiro: Record, pp. 87-107.

Pereira,R.(2006). Os fatos ocultos. *Carta Capital*: São Paulo, ano XIII, no. 415, p. 20-27, out.

Pizzotti, R.(2003). *Enciclopédia Básica da Mídia Eletrônica*. São Paulo: Editora Senac São Paulo,.

Ponte, C.(2005). *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular.

Pontual J.(1994). Reportagem e Documentário em "Globo Repórter". In S. Kaplan., S.Rezende (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, pp. 95-105.

Porcello, F. (2002). *TV universitária: limites e possibilidades*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

Porcello, F.(2006). TV e poder: as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In A. Vizeu, C.Mota & F. Porcello. *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, pp. 145-165.

Praxedes, A.(1988). Dava gosto ouvir o Repórter Esso. *Revista de Comunicação*. Rio de Janeiro, nª 16, Ano 4, p. 24-25.

Priolli, G. (1985).A tela pequena no Brasil Grande. *Televisão & Vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 19-52.

Priolli, G.(2000). Antenas da brasilidade. In E. Bucci (Org.). *A TV aos 50*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 13-24.

Ramonet, I.(1999). *A Tirania da Comunicação*. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Rezende, G.(1985). *O tele-espetáculo da notícia: análise morfológica dos conteúdos de uma semana (7 a 13 de janeiro de 1982) do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo,São Paulo, São Paulo, Brasil.

Rezende, G.(2000). *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus.

Ribeiro, J.(1994). *Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho d'Água/ Brasiliense.

Rodrigues, A.(1990). *Estratégias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Rodrigues, E.(2005). *No próximo bloco...: O jornalismo brasileiro na TV e na Internet*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.

Romancini, R., Lago, C.(2007). *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular.

Rosa, S.(1989). *Telejornalismo em manchete: o mundo em flashes descontínuos*. São Paulo: PUCSP, (Dissertação de Mestrado).

Sampaio, W.(1971). *Jornalismo Audiovisual: rádio, TV e cinema*. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Sant'anna, L.(2008). *O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, o Globo e o Estado de S. Paulo na sociedade de informação*. Rio de Janeiro: Record.

Santos, J.(2001). Comunicação. Lisboa: Prefácio, 2001.

Santos, R.(2001). Práticas produtivas e relacionamentos entre jornalistas e fontes de informação. In A.Cabrera, C.Ponte, R.Santos, Rogério & N. Traquina. *Jornalismo Português em análises de casos*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 93-133.

Schlesinger, P.(1993). Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Vega, pp. 177-190.

Schudson, M.(1988).Porque é que as notícias são como são. *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa/Portugal, nº 8, p. 17-28, dez.

Schudson, M.(1993). A Política da Forma Narrativa: A Emergência de Convenções Noticiosas na Imprensa e na Televisão. In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Vega,pp. 278-293.

Seixas, L.(2008). *Por uma outra classificação: uma proposição de critérios de definição de gêneros jornalísticos por impressos e digitais*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

Silva, C. (1985). *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus.

Silva, C.(1991). *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus.

Silva, G.(2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Insular, v.2, no. 1, p. 95-107 julho.

Smith,A.(1997) *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Tradução Waldívia M. Portinho. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Sodré, M.(1998). *Reinventando a cultura: a comunicação e os seus produtos*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Sodré, N.(1977). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

Sousa, J.(1999). *A notícia e os seus efeitos: as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Portugal, Universidade Fernando Pessoa. Recuperado em bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html. Acesso em: 17 set. 2007.

Sousa, J.(2002). *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos.

Souza, C.(1986). *Impressões do Brasil*. Rio de Janeiro: Grupo Machiline/Praxis Artes Gráficas.

Souza, C. (1984). *Jornal Nacional: 15 anos de história*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984. 349 p.

Souza, H.(1992). A TV do País das Maravilhas. *Revista Imprensa*. São Paulo, no. 55, p. 12-18, mar.

Souza, J. (2004). *Gênero e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus.

Souza, J.(2005) *Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação*. São Paulo: Summus.

Souza, W., Filho.(1995a) Ser Notícia: a noção do tempo na constituição da informação. *Janelas e Imagens*: textos de comunicação e cultura contemporâneas. Salvador: Arte-Contemp, p. 195-199.

Souza, W., Filho.(1995b).Notícias do Brasil: a informação na televisão brasileira. *Pauta Geral*: Revista de Jornalismo. Salvador, ano 3, n. 3, p. 127-134.

Spitzcovisky, J.(1991). Tv soviética volta no tempo e faz lembrar época de Leonid Brejnev. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, F-1, 13 jan.

Squirra, S. (1993). *Bóris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Squirra, S.(1995) *O Século Dourado: a comunicação eletrônica nos EUA*. São Paulo: Summus.

Talese, G.(2004). *Fama e Anonimato*. Tradução Luciano Vieira Machado. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Teodoro, G.(1980). *Jornalismo na TV*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.

Temer, A.(2002). *Notícias e serviços: nos telejornais da rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese.

Torán, L. (1982). *La Información en TV*. Barcelona, Espanha: Editorial Mitre.

Tostes, O.(2005). De volta ao futuro. In E. Rodrigues (Org.). *No próximo bloco...: O jornalismo brasileiro na TV e na Internet*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola,pp. 39-75.

Traquina, N.(1988). As notícias. *Revista da Comunicação e Linguagens*. Lisboa/Portugal, no. 8, p. 29-40, dez.

Traquina, N. (1993).As notícias. In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Vega, pp.167-190.

Traquina, N. (2005a). *Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, vol.1,2ª. ed.

Traquina, N.(2005b). *Teorias do Jornalismo.A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, vol.2.

Tuchman, G.(1983) *La Producción de la Notícia*. México D.F: Gustavo Gili.

Tuchman, G.(1993).A Objectividade como Ritual Estratégico: Uma Análise das Noções de Objectividade dos Jornalistas In N.Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Veja,pp. 74-90. Venscelau, P., Naldoni, T.(2005) SBT: Eles querem ser os campeões da segundona. Revista Imprensa. São Paulo: Imprensa Editorial Ltda, ano 18, no. 204, pp.16-19, ago.

Ventura, Z.(2005). Minhas histórias dos outros. São Paulo: Editora Planeta Brasil.

Vianna, R.(1982) *A informatização da imprensa brasileira*. São Paulo: Edições Loyola.

Vieira,R.(1985). Macrocefalia da Comunicação de Massa no Brasil: para compreender a Televisão brasileira nos 15 anos do Jornal Nacional. *Revista Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, no. 1-4, p. 52-81, jan/ dez.

Vilches, L. (1989). *La Manipulación de la Información Televisiva*. Barcelona: Paidós.

Vitória da notícia. *Veja*: São Paulo, ano 17, no. 835, p. 48-58, 5 set. 1984.

Vizeu, A.(2000). *Decidindo o que é notícia*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Vizeu, A.(2005). *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra.

Weaver,P.(1993). As notícias do jornal e as notícias de televisão In N. Traquina (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Portugal: Veja, pp. 294-305.

Weber, M.(2005). Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Insular, v.2, no. 1, p. 13-21, jul.

Whittemore, H.(1990). *CNN: A História Real* (C. Nogueira, Trad.). São Paulo: Nacional.

Wolf, M.(1987). *Teorias da Comunicação* (M.Figueiredo, Trad.). Lisboa, Portugal: Editorial Presença.

Wolton, D.(1996). *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão* (J.Siqueira, Trad.). São Paulo: Editora Ática.

Xavier, R., Sacchi, R.(2000). *Almanaque da TV*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Yorke, I.(2006). *Telejornalismo* (L.Lusvarghi, Trad.). São Paulo: Roca.

Glossário

Abertura: o termo tem dois sentidos. Ele corresponde ao início do programa, uma forma de caracterizar o encerramento do anterior. O outro uso é para designar a participação do repórter no início da reportagem.

All news: designação para os canais de televisão especializados na divulgação de notícias.

Anchorman: denominação do apresentador, que tem a função de editor-chefe. Termo adotado nos Estados Unidos, utilizado como âncora no Brasil, a partir da estreia do jornalista Bóris Casoy, em 1988, como apresentador do *TJ Brasil*, do SBT.

Ao vivo: denominação para a participação dos repórteres, durante a realização dos programas, em geral para informar sobre uma informação recente ou a complementação de uma reportagem. Caracterizado pela presença do repórter no vídeo.

Bloco: Espaço do telejornal para exibição da informação, entre os intervalos do programa.

Cabeça: texto para a introdução de uma reportagem ou nota coberta, lido pelo apresentador. Em inglês, corresponde ao *headline*.

Camcorder: câmera, utilizada para a gravação de reportagens, com o dispositivo de gravação acoplado.

Deadline: prazo final para a conclusão de uma reportagem ou da edição de um telejornal.

Edição: Define o processo de organização de uma reportagem, em função das imagens, entrevistas e o texto, assim como está relacionado ao conjunto do telejornal – o total dele.

Editor: jornalista responsável pela forma de exibição de um assunto, subordinado ao editor-chefe, responsável pelo conjunto do telejornal.

Editoria: Subdivisão da redação, em torno de assuntos. Por exemplo: governo, política, nacional, etc.

Encerramento: corresponde a parte final do telejornal, assim como ao da reportagem, quando tem a participação do repórter.

Entrevista: gravação feita com envolvido(s) em um assunto, que pode ser exibida no telejornal sem a participação do repórter. Recebe a denominação de sonora, quando é parte da reportagem.

Escalada: um resumo dos principais assuntos do telejornal, como a primeira página de um jornal impresso.

Espelho: relação dos assuntos de um telejornal, usado para a orientação dos envolvidos na produção e realização. Em inglês é chamado de *running order*, conhecido nos países de língua portuguesa, influenciados por Portugal, como alinhamento.

Filme: suporte em película, usado para a gravação das reportagens, antes do surgimento do videotape. Dependia de um demorado processo de revelação, em torno de 30 minutos.

Fita: posterior ao filme, permitiu maior agilidade e garantiu a participação do repórter, com mais destaque, nas reportagens, no fim da década de 70. Caracterizada pela variação de formatos, a partir da evolução tecnológica

Grade: usada pelas emissoras para a indicação dos horários de exibição dos programas.

Indicador: identifica o conteúdo do telejornal, relacionado às informações sobre dados econômicos.

Jornalismo público: termo adotado pela TV Cultura, de São Paulo, para designar o modelo adotado pela emissora.

Jornalismo comunitário: Utilizado pela Rede Globo para definir a cobertura local.

Lapada: resumo de assuntos, incluído em um telejornal para o registro de informações. Caracterizado pela utilização de efeitos visuais para a separação dos fatos.

Lead: indicação das informações principais de um assunto.

Lidão: designação usada para fazer referência a uma alternativa ao *lead* no telejornalismo.

Micro-ondas: sistema de transmissão do sinal de áudio e vídeo, que permite a interligação com a emissora, muitas vezes com o uso de uma unidade móvel. A interligação ode ser terrestre ou aérea.

Montagem: o mesmo que edição, na parte referente à ordenação de uma informação, em relação à forma e ao tempo.

Notícia: elemento essencial do jornalismo, mas que no sentido de forma, em relação a um fato de divulgação imediata.

Nota coberta: designação para a informação divulgada com o formato de reportagem, porém lida pelo apresentador.

Nota: Informação divulgada através do apresentador, sem a utilização de ilustração. Equivalente à notícia, no sentido de forma.

Off: texto narrado pelo repórter ou apresentador, parte de uma reportagem, ilustrado por imagem, relacionado a um fato.

Plano-sequência: corresponde a uma gravação sem a interrupção, exibida na totalidade.

Passagem: parte de uma reportagem, caracterizada, como a abertura e o encerramento, pela presença do repórter no vídeo. Em inglês, tem a designação de *stand up*.

Pauta: orientação para a cobertura de um assunto, utilizado pelo repórter para a cobertura de um fato.

Repórter de rede: usado para especificar um repórter específico, que é escalado para a cobertura de assuntos nos telejornais transmitidos pelas redes de televisão para todo o País.

Reportagem: designa o assunto coberto com a participação do repórter, que tem a denominação de VT nas redações. Nos países influenciados por Portugal é chamada de peça.

Roteiro: é a conjunto das páginas, chamada de lauda nas redações, usado para a exibição de um telejornal, chamado de *script*.

Satélite: essencial, a partir da década de 80, para a transmissão do sinal das emissoras de televisão, é mantido na órbita terrestre.

Teleprompter: marca de um equipamento, acoplado a uma câmera, que permite ao apresentador ler um texto, sempre desviar o olhar.

Time-slot: designação em inglês para o que no Brasil é o tempo de produção de um telejornal – menor que o da grade -, chamado de tempo de antena pelos portugueses.

U-Matic: formato inovador de gravação com a fita magnética, que permitiu a transformação tecnológica do jornalismo na televisão, ao substituir o filme.

Videotape: sistema de gravação, com a utilização de fitas magnéticas. Nas emissoras de televisão, quando chamado de VT é usado como designação genérica para reportagem.